O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 3 DE JULHO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

N° 1:367

Está vaga a suprema magistratura da nação!

Bravo, rei de Portugal!

Bravo, redemptores! *Cidadões* da *libardade!* Zeladores da moralidade publica! Ao ministerio do Credito Predial, como dizieis, fizesteis succeder o ministerio... do Zé Gatuno!

Ah, como a patria está vingada! Como está salva a honra nacional! Como a moralidade publica está redimida!

Eu, que nunca tenho vontade de chorar nem de morrer, como Herculano ou Jeremias, mas de pegar n'um cajado, como Hercules, e de deslombar tudo isto, senti imptos de gritar, ao rei: *Fóra d'ahi! Rua!* Ao rei, que não nasceu com vocação para homem, o infeliz! Mas contiveme, não fosse surgir em logar d'elle, no alto do throno, Bombardino Rachado, o *Calcinhas*,ou Venceslau de Lima, o *Cricas!*

Eu já disse a este rei, pelo qual não sinto odio nem amor, mas piedade, piedade pela sua desgraça, pela sua falta d'altivez e pela sua covardia, que não era elle quem governava em Portugal, mas o *Calcinhas*. Ultimamente, porem, surgiu um outro rei, rei d'alcova, que eu ouso cognominar, certo de que passará á historia, tanta propriedade e justiça envolve o cognome: Venceslau I, o *Cricas!* E eisnos gravemente embaraçados, a todos nós que somos dignos, ainda, do nome de portuguezes. Ou D. Manuel, o *Menino*, ou Bombardino Rachado, o *Calcinhas*, ou Venceslau I, o *Cricas!*

A isto chegaram os descendentes d'aquelles . . . *a quem Neptuno e Marte obedeceram!*

Era muito triste a epocha de Leonor Telles, a prostituta. Correu grave risco, então, a independencia do paiz. Mas a breve trecho appareciam tres homens que levantavam as almas, enchendo-as de coragem e de esperança. Não menos triste foi a epocha que se seguiu ao desastre d'Alcacer-Kibir. Mas ainda houve um homem, por mais pequeno que elle fosse em talentos, que teve a coragem, a inaudita coragem, a admiravel resolução de disputar pelas armas o seu direito e a independencia d'esta terra ao maior poder do mundo.

Hoje estamos cahidos na maior vileza, pois para resistir ás arruaças, á desordem, á voragem da anarchia, não temos mais que as *luzes* e os *conselhos* dos mais imbecis e dos mais torpes favoritos. Ainda se, ao menos, elles tivessem talento, como Mazarino . . .

Anna d'Austria entregou-se nas mãos d'um favorito. Mas esse favorito chamava-se Mazarino. Apesar de se chamar Mazarino e de ser, com a seducção physica da sua pessoa, o seu talento e a sua habilidade, quem dirigia a rainha, a rainha e o rei menino, e não a rainha quem o dirigia a elle, a consciencia da nação, indignada, umas poucas de vezes se revoltou contra a côrte e contra elle. E duas vezes o levou ao exilio. A elle, o verdadeiro vencedor de Rocroi, de Friburgo, de Lens e Nordlingen!

E' preciso falar claro, bem claro, cada vez mais claro, porque a situação, mais do que nunca, é gravissima.

Esse rei que ahi está, e toda a côrte, offendeu a consciencia universal com os actos que praticou nos dias immediatos ao do regicidio. A consciencia dos monarchicos, dos republicanos, dos socialistas e dos anarchistas. A consciencia dos paes, das mães, dos irmãos, e dos filhos. A consciencia humana, que não tem partidos.

Esse rei, com o apoio, e, certamente, com o conselho de sua mãe, de sua avó, de seu tio, de toda a sua familia, não hesitou em deixar cahir da penna, sobre seu pae, o estigma infamante de *ladrão*, d'aquella penna que elevou agora a ministro d'estado o Zé Gatuno, quando seu pae, com os olhos terrivelmente abertos, aquelles olhos vitreos da morte que falam mais que olhos vivos, lhe pedia justiça, clamorosamente justiça, do esquife em que jazia. A alma universal commoveu-se. Se tudo foi horrivel, horrivel de crueldade e covardia, n'esta terra de bandidos, nos dias funebres que se succederam ao dia tragico do regicidio, nenhum acto impressionou tanto o mundo, a alma da humanidade inteira, a consciencia dos homens de todos os paizes e de todos os partidos, que esse acto espantoso d'um homem exauctorar seu pae,— com o cadaver alli, a seus olhos, na sua frente,—sob a pressão dos assassinos.

Não se diga que é hoje, *porque fazemos o jogo da reacção*, que falamos assim. Cem vezes temos estigmatisado, como conhecem e sabem os leitores do *Povo de Aveiro*, esse procedimento indecoroso. Verdadeiramente indigno.

Quando tudo tremia, quando ninguem ousava affrontar os assassinos, com medo d'elles lhe cortarem a lingua, um só homem teve coragem para os fulminar, falando, altivamente, a voz da verdade e da justiça. Fomos nós. Ao mesmo tempo que lançavamos em rosto ao rei vivo — e nunca mais deixámos de o fazer — a sua vergonhosa covardia.

Não se dirá, pois, não poderá dize-lo a torpe e acanalhada especulação politica, que é por amor, ou fazendo o jogo dos reaccionarios, que estamos agora a dizer isto.

Foi espantoso. O que fez o rei D. Manuel, o que fez a côrte, em cima da morte de D. Carlos, foi espantoso, foi assombroso.

Não só um acto contrario ao sentimento. Tambem contrario aos interesses do paiz e aos interesses da propria monarchia. Não só um attentado moral. Tambem uma monstruosidade politica, de que resultou toda a desordem, perturbação e imbecilidade que até hoje se seguiram.

Allegava-se, porem, que o rei era uma creança. Allegava-se, porem, que a rainha era uma senhora. O rei, uma creança, e demais a mais sem experiencia nenhuma dos negocios publicos— nem sequer com educação de principe —não sabia o que fazia. A rainha, uma mulher apavorada . . .

Vá lá, que passasse a desculpa. Eu, com dezoito annos, era um homem. Meu pae morreu-me tinha eu dois annos. Cresci, e vim a saber que meu pae tinha grandes inimigos. Disseram-me os seus nomes. Contaram-me as suas façanhas. Nunca convivi com elles, nunca lhes apertei a mão, nunca me approximei, sequer, de nenhum d'esses individuos. Nunca! Nunca! Os inimigos de meu pae considerei-os meus inimigos. Vinte, trinta annos depois assim os considerava e vinte, trinta annos depois como taes os tratava. E Deus sabe se eu, pobresinho e humilde, quasi só no mundo, não sacrificava e não arriscava muito mais, afffrontando, desde a infancia, o seu poderio, que o rei D. Manuel se tivesse posto a mão ferrea da sua auctoridade sobre a *fraqueza* d'aquelles que infamemente lhe assassinaram seu pae e seu irmão!

Mas vá que passasse a allegação, que passasse o pretexto, que vingasse a desculpa.

Mas hoje? Ainda está *coacto*, o rei? Ainda é a *candida donzella?* O rei menino? Pois se elle aos vinte annos ainda usa calções, não deixará, jamais, de os usar. E se havemos de ter rei para vestir calções toda a vida é melhor despirlh'os, desde já, na praça publica.

Isto não é a linguagem d'um revolucionario. Note-se bem. D'um revolucionario d'officio. Isto é a linguagem d'um patriota que vê em grave risco o seu paiz. E não ha revolucionario mais terrivel que aquelle que se inspira nos interesses e no espectaculo da patria afflicta.

A magistratura suprema da nação está vaga. Desenganemo-nos. Não haja illusões n'esta hora tremenda d'agonia. Eu dizia aqui ha oito dias, ha quinze, ha mez e meio, desde o momento em que começou a crise: *teremos homem? Ve-lo-hemos.*

Este era o problema. O grande problema! O rei, futil, pueril, não viu isto. Não o viu a corte que o cerca, como elle futil, e como elle pueril. Não o viram os seus mais intimos conselheiros, os favoritos, os *cricas*. Nenhum d'elles teve noção das circumstancias e não sabemos se a teve alguem n'este paiz. Pois o grande problema era só este: demonstrar-se, emfim, a capacidade ou a incapacidade governativa do chefe da nação.

Ha dois annos que vinhamos sob o imperio da desordem. Da mais tremenda desordem. Da mais pavorosa anarchia. O rei ha dois annos que abdicava deante da anarchia. Ha dois annos que o rei, solicito, corria adeante dos desejos da anarchia. Pelo menos não tinha força para deixar de ser seu joguete, seu ludibrio. Mas punha-se, emfim, flagrante, deante dos seus olhos, o problema. O vivo problema. Por um acto de resolução e d'energia o rei ia dizer ao paiz, ao paiz forte, ao paiz que pensa, qual era, emfim, o seu caminho. Como cortaria elle o nó gordio? E cortaria, de facto, o nó gordio? Continuava escravo da desordem ou poderiam, finalmente, contar com elle os homens d'ordem?

Este era o problema. Ser ministro o Villaça ou ser ministro o Zé Gatuno, o que valia? Ser ministro o Beirão ou ser ministro o Teixeira de Souza, que importava?

A differença era só esta: o Villaça e o Beirão eram, pessoalmente, muito mais honestos que Teixeira de Souza e Zé Gatuno. Differença pequena, todavia. Pequena em face da magnitude do outro grande, do outro enorme problema.

Valia tão pouco a questão do *Credito Predial* que já ninguem fala no *Credito Predial*. Isso morreu. Era um pretexto. Um simples pretexto. Morreu!

Valia tão pouco a questão da honestidade ou deshonestidade dos homens publicos do partido progressista e dos ministros, que em vez de Beirão e de Villaça, o rei, Anna d'Austria e o *Cricas*, dão-nos Teixeira de Souza e Zé Gatuno.

O que se agitava, então? Que grave problema trazia divididos os homens n'esta terra? Simples: saber se o rei era, emfim, o homem da ordem ou o homem da desordem. O agente definitivo e humilde dos miseraveis que mataram seu pae e seu irmão, e dos que querem, a todo o transe, arrastar o paiz no delirio das suas ambições, ou o chefe d'aquella parte honesta da nação que está prompta a desfraldar bandeiras, como nos campos d'Aljubarrota, para quebrar lanças em defesa da integridade e da honra do paiz.

O rei não sahiu João I. Ah, não sahiu, infelizmente! Sahiu Fernando I, a desgraçada victima d'infames prostitutas.

Está vaga a magistratura suprema da nação!

A mão que salpicou de lama, n'um esquife, a face do Rei D. Carlos e do principe Luiz Filippe, cahidos sob os golpes traiçoeiros, armados covardemente, na sombra, por ladrões e assassinos, a mão que se estendeu ha dias, n'um banquete, a um grilheta, collega dos *souteneurs* que, n'um pasquim nascido e creado no lodo dos prostibulos, vinham cuspindo ha dois annos, talvez, em parte, justamente, as damas da corte e a rainha, é a mão que nos esbofeteia e a todo mundo digno, collocando, a pretexto de moralidade, e depois de derribar um ministerio em nome da honestidade publica, á frente do ministerio dos extrangeiros, o salão de recepção onde Portugal recebe e trata com o mundo culto, um homem que os seus proprios correligionarios baptisaram com o nome de ... Zé Gatuno.

A camara dos deputados não foi dissolvida para que continuassem á frente dos negocios publicos seis homens *sem rabos de palha*, mas que tinham commettido o *crime horrendo* de serem correligionarios do Governador do Banco Hypotecario Portuguez. Mas foi dissolvida para que fosse feito presidente do conselho o verdadeiro heroe dos adeantamentos, para que ficassem impunes os assassinos do rei D. Carlos e seu filho, para que ficassem gozando os fructos dos seus crimes os homens da Companhia dos Assucares e para que fizesse as honras de Portugal junto do mundo ... o Zé Gatuno!

Basta, que já fede! Está vaga a suprema magistratura da nação portugueza!

Urge reunirmo-nos em congresso secreto, todos aquelles que prezamos ainda, seja qual for a nossa opinião religiosa ou politica, a honra e os interesses d'esta patria desditosa. E oxalá que alem da voz eloquente de João das Regras appareçam lá guerreiros que possam imitar o gesto e a decisão heroica de Nuno Alvares Pereira.

Decisão e energia. E' a hora mais grave da nossa historia. Decisão e energia, unicos meios de salvação em horas d'amargura. Ou — di-lo-hemos sem cessar — Portugal está perdido.

Dissolução

Ninguem pode acreditar que o rei não houvesse promettido ao ministerio progressista a dissolução.

Dada a pusillanimidade e a fraqueza de que deu provas, desde o principio, o ministerio progressista, ninguem acredita que elle se atrevesse a voltar ás camaras, depois da conferencia havida com o rei, quando este regressou d'Inglaterra, sem a *promessa cathegorica* da dissolução.

Ninguem acredita!

Mas se o rei prometteu a dissolução ao ministerio progressista, como deve ser certo, então temos aqui um caso de felonia espantoso.

Então o rei não se contenta com dar a dissolução aos regeneradores, tendo-a negado aos progressistas, como a dá aos regeneradores depois de a ter promettido aos progressistas?

Resurge Leonor Telles, ou que é?

Leonor Telles e, com ella, o conde de Barcellos?

Unico! Espantoso!

Comprehendia-se o rei apegado á resolução de não conceder a dissolução da camara a *ninguem*. Concede-la aos regeneradores, depois de a negar aos progressistas, seria uma injustiça e, dadas as circumstancias, um erro politico de polpa. Mas concede-la aos regeneradores depois de a ter promettido aos progressistas é um acto . . . á conde de Barcellos.

Quem diria, mais de cinco seculos passados, que n'um dos periodos mais tristes da nossa historia teria de resurgir . . . o conde de Barcellos!

Supplemento Litterario AO Povo de Aveiro

Iniciamos hoje, como prometteramos, a publicação d'um **Supplemento** *ao* **Povo de Aveiro,** *que não constitue uma terceira folha do nosso jornal, como haviamos dicto, mas um numero em separado.*

Neste **Supplemento** *daremos aos assignantes, menos ao facto d'esses assumptos, artigos profundos de doutrina social, orientando-os com segurança ácerca das questões mais directamente ligadas com a vitalidade e desenvolvimento de uma nação e em especial do nosso paiz, onde os assumptos que interessam á formação do caracter portuguez e poderão fomentar a cultura d'este povo, são absolutamente abandonados pela imprensa. Os assignantes do nosso jornal estarão assim ao corrente de todo o movimento politico, social, scientifico, litterario e artistico do mundo inteiro, pois que os iremos successivamente instruindo sobre a organisação penal, regimen de instrucção e educação, organisação do proletariado, assistencia social, feminismo, alcoolismo, organisação militar, regimen agricola, regimen e desenvolvimento industrial e commercial, publicações litterarias e artisticas dos varios paizes do mundo, e finalmente todos os acontecimentos que de qualquer forma possam interessar, instruindo ou moralisando. Para isto contamos, não só com o estudo e os conhecimentos de longo tempo já adquiridos do nosso director e d'outros escriptores portuguezes, como ainda com a cooperação directa do redactor litterario do* **Supplemento** *que, pela sua posição e relações no extrangeiro, tem meio facil de orientar os leitores sobre todos os assumptos, colhendo elementos nas fontes de origem e obtendo a collaboração d'alguns dos mais illustres escriptores da Europa e da America.*

*Assim introduzimos n'***O Povo de Aveiro,** *sem augmento de preço para os assignantes, um notavel melhoramento que fax d'elle um jornal completo sob todos os pontos de vista. O* **Supplemento** *publica-se no primeiro e terceiro domingo de cada mez.*

Tinhamos annunciado que o **Supplemento** *faria tambem parte do numero avulso, mas isso representaria uma injustiça para com os nossos assignantes, os quaes razão teriam para allegar a nossa falta de consideração pelas vantagens que nos dá, sobre a venda avulso, a assignatura.*

O **Supplemento,** *pois, será exclusivamente distribuido aos nossos assignantes, como fazem os jornaes extrangeiros. No emtanto, e ainda a exemplo d'estes, vende-lo-hemos em separado, pelo preço de dez reis, áquelles dos nossos agentes que o reclamarem.*

—

SUMMARIO DO **SUPPLEMENTO** DE HOJE

A Arte na Vida, por *Homem Christo, Filho;* **O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal,** por *Homem Christo;* **Pierreries,** soneto de M.me *Jane Catulle Mendès;* **Figuras de Paris,** por *Homem Christo, Filho;* **Analysando,** por *F. M.;* **"Cosmopolia„"; Alcoolismo,** por *Homem Christo;* **As preferencias de Modjeska,** e **Vária.**

Não se faz nada

Toda a gente sabe que a rainha D. Amelia conspirou fortemente contra o rei D. Carlos. Chegou-se a affirmar que foi ella, com Alpoim, o elemento mais importante do trama de que resultou a revolta dos marinheiros e que tinha por objectivo forçar D. Carlos a abdicar. Fala-se, mesmo,—foi o *Povo de Aveiro* quem primeiro trouxe a publico esse boato—n'umas cartas muito compromettedoras que Alpoim tem em seu poder. Seja, porem, como for, não ha duvida que a rainha D. Amelia, se não conspirou contra D. Carlos foi, pelo menos, adversaria implacavel dos seus ultimos processos de reinar. Logo, d'uma maneira ou d'outra, a rainha foi o melhor alliado das quadrilhas dentro do Paço.

Foi ella, ainda, o principal agente da vergonhosa abdicação da corôa perante os assassinos do Terreiro do Paço. E é ella, ainda, quem agora mais concorre para se pactuar com a desordem.

O filho, ou por falta de temperamento d'energia e de revolta, ou porque é esse o seu feitio e a sua opinião, faz causa commum com a mãe.

Isso está visto! Escusa oculos! E desde que é claro, é manifesta tolice perder mais tempo á espera ou a discutir o caso.

Não se faz nada. Por bons termos, não se faz nada. Não percamos mais tempo, que perder tempo, depois d'uma convicção assente, é *perder tudo*, quasi sempre. Em politica, como na guerra, a habilidade não está em não commetter erros. Está em os reconhecer e remediar *depressa*.

E' preciso conspirar, desde já. Isto é, forçoso se torna que os elementos d'ordem se congreguem e se entendam. Quanto antes! E só o podem fazer, efficazmente, por meios secretos, isto é, *revolucionarios*.

A' colligação da desordem, que é formidavel, é preciso oppor immediatamente a colligação da ordem. Os elementos d'ordem ainda são muito mais fortes no paiz que os elementos de desordem. Mas como não ha o menor accordo entre elles, amanhã a desordem vem para a rua e a ordem não sabe o que ha de fazer, ou, pelo menos, começa a proceder ás cegas, estupidamente, allucinadamente. D'ahi mil desastres, dos quaes o mais provavel e o mais temivel, é, precisamente, o triumpho da desordem.

Para que a demagogia triumphe, para que a desordem consiga apoderar-se definitivamente dos sellos do Estado, para que o *Calcinhas* se sente no throno das Necessidades, basta que a desordem encontre a ordem desorganisada.

Até aqui confiava-se, naturalmente, no poder, como ponto d'apoio e d'attracção contra a desordem. Mas — não se illudam—esse recurso falhou.

Falhou!

Agora só resta a *conspiração*, isto é, o accordo dos elementos d'ordem para todas as hypotheses, até para a **destituição do rei,** se este recurso extremo vier, *como é muito provavel*, a tornar-se necessario. Accordo pensado e discutido. Mas, depois de seriamente pensado e seriamente discutido, firmente resolvido para poder ser... inabalavelmente executado.

Se for indispensavel depor o rei, depo-

nha-se o rei. Comtanto que não passem para as mãos do *Calcinhas*, e da demagogia infrene que o segue, os fructos d'essa deposição.

Conspiremos, senhores! A' moda de 1383 e de 1640. Ou Portugal está perdido!

Se os elementos d'ordem se não resolvem a preparar-se para, n'um momento dado, intervir efficazmente, a intervenção extrangeira é fatal. Inevitavel! Ficamos como o Egypto. A demagogia não leva a outro resultado. Ora isso, sendo a ruina da patria, é a maior das vergonhas porque podemos passar.

Provemos á canalha de Portugal, e ao mundo, que nos contempla com desprezo, que ainda ha sangue dos que, em 1383 e em 1640, n'um grande esforço heroico, salvaram esta patria.

Se o rei continuar no caminho deshonroso que vem trilhando ha dois annos, **abaixo o rei**, já que não tendo sabido ser filho nem irmão, nem sequer, no seu proprio interesse, sabe ser homem.

Fóra!

Não ha de morrer uma nação, **afundando-se em ignominia**, porque no Paço das Necessidades manda o *Cricas*, em vez de mandar um homem.

A nossa attitude

N'um artigo aqui publicado em 15 de maio, sob o titulo *A crise ministerial*, diziamos, logo que esta começou:

.....

O rei de Portugal deve contar com uma *unica força* a seu favor: a força da gente honesta, dos patriotas, dos amigos da ordem, emfim, dos que merecem, ainda, o nome honroso de portuguezes. E essa força, por menos que o pareça, é uma grande força ainda. Essa força está no exercito, no clero, na lavoura, na industria, no commercio, no funccionalismo, no proprio povo, e n'aquelles que teem verdadeiro valor intellectual, alliado a um verdadeiro valor moral, n'essas classes e em todas as mais da sociedade portugueza.

Essa força existe, rei de Portugal. E é uma grande força! Essa força é preciso anima-la. Ai do rei de Portugal, ai do paiz, se, porventura, chega ao coração de todos esses a convicção final — e dizemos final porque ella, em germen, já lá existe — de que todos os esforços a *favor da ordem*, da moralidade, da verdade e da justiça, são inuteis n'esta terra, que a elles quasi todos vae parecendo, de ha muito, terra *perdida*.

Ai do rei de Portuga! Ai do paiz!

.....

Rei de Portugal, é preciso ser homem. Meditar a serio na situação grave, gravissima, que n'esta triste conjunctura atravessamos. E, succeda o que succeder, resalvar, atravez de tudo, o principio da ordem e do decoro publico.

Succeda o que succeder, venha o que vier! *Perca-se tudo menos a honra*, disse um rei desastrado, mas cavalheiroso, n'um momento critico da sua historia e da sua vida. Esta ignominia d'estar uma nação inteira á mercê de meia duzia, ou uma duzia, ou duas duzias de discolos, arruaceiros, garotos, canalhas, — porque é a canalhice e a garotice o que, sobretudo, os distingue e o que, sobretudo, lhes dá exito — impondo-se pela berrata, pela ameaça, pelo *banzé*, pelo pau de *bater beefs*, é que não pode continuar de modo algum! Venha o que vier! Succeda o que succeder!

Diz-lh'o um homem, rei D. Manuel, que não recebe influencia de facção nenhuma, que não está ligado a ninguem, costumado a falar sempre rudemente, mas lealmente, e que pela causa da ordem e da verdade tem arriscado tudo, incluindo a propria existencia.

Succeda o que succeder, rei de Portugal! Venha o que vier! E' indispensavel resalvar, affirmar, impor, atravez de tudo, o principio da ordem e do decoro publico, ou este paiz é, definitivamente, paiz perdido.

Nós avisámo-lo, rei de Portugal.

Não quiz ouvir?

Aguente-se.

Tem medo? Compre um cão.

N'esta altura, um homem que tem medo á frente do governo do Estado é mais do que uma ignominia. E' uma asneira!

Ministerio Marnoquinho

Assim o classificaram, e não está mal. Mas vejam o que é este paiz! Quem deu nome ao ministerio não foi o Zé Gatuno. Foi um homem honesto! E deu-lh'o ao menos para o engrandecer? Não. Para o ridicularisar!

Concordamos que foi um pouco ridiculo andar atraz de Marnoco e Souza como se o homemsinho fora um Messias.

Marnoco e Souza é uma creatura honesta, uma creatura intelligente, mas está longe de ser uma capacidade. Não tem nenhum tirocinio politico, nunca foi um jornalista, nunca foi um parlamentar, portanto falta-lhe o tirocfnio preciso para ser um bom ministro. E, para cumulo de asneira, fizeram-no ministro da marinha. Apezar d'isso, porem, não se pode dizer que o seu feitio moral e intellectual seja para desacreditar ou ridicularisar um ministerio.

Pois ninguem fala no Zé Gatuno, ninguem fulmina nem ridicularisa o ministerio por ter no seu seio o Zé Gatuno, e toda a gente se ri por ser ministro um pobre lente da Universidade que tem por maior defeito não ser ladrão nem saber nada das grandes patifarias da politica!

Que paiz! Que paiz! E como é omnipotente o espirito de quadrilha!

De resto, o ministerio não presta para nada. Para nada!

Tem por ministro da guerra um homem sem prestigio nenhum no exercito. O celebre comilão que, sendo capitão de Caçadores 9, fazia inspecções ao quartel . . . de Madrid!

Tem por ministro da marinha . . . o marnoquinho! Tem por ministro dos negocios extrangeiros, o Zé Gatuno E tem por presidente do Conselho . . . o bandido d'Alijó.

Deus lhe ponha a virtude, coitadinho!

Lyceu do Funchal

D'estas columnas do *Povo de Aveiro* nos dirigimos ha dias ao ministro do reino, chamando a sua attenção para o descalabro vergonhoso do lyceu do Funchal, chegado á ultima anarchia, mercê da direcção do reitor e do desleixo da maioria, da incompetencia absoluta de alguns professores.

Conhecemos sufficientemente o lyceu do Funchal para affirmarmos que a razão está do lado dos poucos que protestam contra o estado de coisas a que alli se chegou, mas chegam-nos informações de segurança que, de resto, não fazem mais do que confirmar as nossas opiniões sobre as ultimas occorrencias.

O caso de agora, do desacato ao professor Ferreira Botelho é a resultante natural, o corollario logico da direcção do sr. Nuno S. Teixeira que, para vergonha dos poderes dirigentes, ainda se conserva á frente do pretendido estabelecimento de ensino.

A culpa de tudo pertence ao reitor, exclusivamente.

Se ha professores desleixados, ao reitor cumpre faze-los entrar na ordem, obriga-los ao cumprimento dos seus deveres. E' o reitor o principal responsavel. Mas a desordem é antiga naquelle lyceu e os resultados do ensino alli ministrado teem-se visto nas escolas superiores.

Fallem, queiram fallar com sinceridade os que do lyceu do Funchal teem vindo para cursos superiores, digam, com absoluta verdade, a bagagem scientifica que trouxeram, deponham um pouco ácerca dos processos de ensino que por lá observaram e ter-se-ha formado contra aquella pretendida casa de educação o mais formidavel libello.

Havemos de mostrar aqui á evidencia, citando nomes, apontando factos, precisando detalhes, o valor do ensino no lyceu do Funchal e porque sabemos que na Madeira este *Povo de Aveiro* tem sido lido com attenção e é sempre procurado com interesse, podem ficar os senhores certos que nada se occultará do que houver de dizer-se.

Desagrada ao reitor? Tanto melhor. Parece que começa a hora de justiça.

Não agrada a alguns professores, a muitos professores? Que importa?

Cumpre um dever todo aquelle que tendo uma penna e sabendo servir-se d'ella, conhecendo o valor do ensino do lyceu do Funchal, der a esta causa o seu esforço e attenção.

E' indispensavel, resulta urgente levar os poderes dirigentes a olhar para o lyceu do Funchal, a fazer syndicar, rigorosamente syndicar, o lyceu do Funchal, castigando, sem contemplações de especie alguma, os responsaveis, os culpados da anarchia vergonhosa a que tudo alli chegou.

Tudo alli chegou. Reitor não fiscalisando, não dirigindo, não sendo competente para fiscalisar, não tendo auctoridade para dirigir. Professores não ensinando, uns porque não querem, outros porque não podem, alguns porque não sabem. Alumnos, claro — consequencia logica da anarchia de cima — não sabendo absolutamente nada e, sem preoccupações, passando o seu anno, fazendo o seu curso, e, depois, vindo para os cursos superiores dar, a mestres e a condiscipulos, a impressão de que a Madeira é uma especie, uma especie de . . . sertão.

Pois onde se viu, em que lyceu se daria, que reitor assistiria, indeciso, verdadeiramente aparvalhado, a isso que se passou agora no lyceu do Funchal?

Que considerações obrigariam esse homem ao papel de manequim que ha vinte e tantos annos vem desempenhando na reitoria do lyceu, para descredito proprio e gaudio de todos?

Que considerações obrigarão, agora, a direcção geral de instrucção publica, o ministerio do reino, a não proceder com a necessaria energia?

E' que no Funchal tudo obedece a interesses de facção e são os interesses d'esses grupelhos que dominam.

Ha, por exemplo, no lyceu como professor de allemão, um profissional de medicina da escola medica local, que ainda ha dois ou tres annos andava aprendendo os caracteres germanicos. Como ha-de este sujeito ensinar, o que ha-de ensinar, o que sabe para ensinar?

Ha no lyceu um professor effectivo de allemão e inglez. Rege a cadeira de inglez. Porque não teria sido chamado para reger o allemão o professor H. Hempell que já ensinou o allemão n'aquelle lyceu e que é um excellente professor?

Um excellente professor. Homem de uma rara illustração, as suas aulas eram interessantissimas e o espirito pratico que presidia ao ensino da lingua não foi egualado nunca por quantos alli teem ensinado linguas. Só não ficou sabendo alguma coisa de allemão quem não era capaz de saber coisa alguma, quem não estudou nada, quem não quiz ficar sabendo.

Na necessidade de um professor de allemão substitue-se o ensino d'este homem, superiormente illustrado e intelligente, pelo de um aprendiz illetrado, cujas asneirolas escriptas correm impressas e lhe teem grangeado reputação de Calino.

Qual o criterio d'este reitor, qual o criterio d'um conselho escolar que permitte um escandalo de tal natureza?

Mas isto não é tudo, sendo já muito.

O reitor permitte aos professores os maximos abusos, e a verdade é qne ninguem se entende n'aquelle lyceu.

Os professores não vão ás aulas, sem que por isso os alumnos deixem de ter as notas respectivas e sem que o desconto legal lhes seja feito no ordenado. Faltam aos conselhos escolares, especialmente se estes versam assumpto disciplinar, sem soffrerem ainda, é claro, o respectivo desconto.

O livro do ponto dos professores é irregularissimo, porquanto n'elle se não indicam, dia a dia, como manda o regulamento, a materia explicada em cada aula, e os professores, em vez de assignarem o ponto para cada aula, assignam uma só vez para cada dia.

Quantas vezes verifica, no mez, o reitor esse livro? Quantas vezes, em cada trimestre, apparece o secretario no lyceu?

Realisam-se por ventura as sessões ordinarias do conselho escolar, que deviam de ser mensaes? De modo algum. Tudo quanto se *fabricar* para illudir o poder central é uma mentira, uma repugnantissima mentira.

O apuramento da frequencia não se faz nos periodos legaes e, em algumas disciplinas, os alumnos só recebem as notas no fim do anno. Alem d'isso as notas não são dadas em conferencia.

Ha pelo menos um anno que não foi lavrada uma unica acta dos conselhos escolares extraordinarios (os ordinarios não se teem realisado.)

O que urge, pois, fazer? Mandar ao Funchal uma syndicancia immediatamente.

Que o syndicante seja encarregado da reitoria do lyceu, que vá presidir aos exames, que avalie da applicação dos alumnos, do zelo dos professores e que informe com verdade o governo, que diga a verdade toda.

Nos exames de allemão, que esse homem preste attenção ao interrogatorio do sujeitinho que alli professa essa disciplina, que note bem o que os rapazes sabem, o que os rapazes aproveitaram com o ensino do professorelho inventado n'uma hora de bom humor ou de tedio.

Não ha n'estas palavras má vontade para ninguem, tão simplesmente o desejo de modestamente contribuir para elucidação do publico, a quem a imprensa do Funchal não diz, pelos motivos que todos alli conhecem, a verdade sobre os acontecimentos.

Os professores são mais ou menos jornalistas (toda a gente no Funchal é mais ou menos jornalista) de sorte que a imprensa, fallando para um publico de 90 0|0 de analphabetos, diz, por exemplo, que os professores desejam, todos, a syndicancia.

E' preciso, pois, não largar este assumpto de mão sem ter cumprido o que a nós mesmos nos devemos — explicar o que é o lyceu do Funchal, dizer bem alto o que vale o ensino alli ministrado, assignalar o que tem sido a direcção do reitor e o que é a competencia de alguns professores.

Lisboa, junho.

J. de C.

O Seculo

. . . Sr. Homem Christo.

Eu não sei se V. já reparou que até na preferencia que entre nós se dá a certos jornaes provamos que somos um povo inferior a todos os povos cultos. Pois onde é que se encontra uma nação civilisada, uma só, cujo jornal de maior circulação tenha adoptado alguma vez os baixos processos de que constantemente se serve o *Seculo*? Só aqui, só n'este paiz é que se vê uma coisa assim!

O *Seculo* fez ha pouco tempo uma longa e estrondosa campanha em favor... da infancia desprotegida. Durante uns 14 mezes (outubro de 1907 a dezembro de 1908), empregou este jornal o mais vistoso typo das suas caixas e gastou os mais inflammados e ternos adjectivos do seu vocabulario n'uma extensissima série de artigos calorosos e repassados de amor . . . pelas creanças, nos quaes pedia o auxilio do publico a favor . . . dos *seus pequeninos protegidos*, e o publico, o cego eterno e o eterno explorado, acudia pressuroso ao appello do *Seculo*, não vendo que n'essa campanha não havia o menor fundo de sinceridade, e que, ao fazê-la, o *Seculo* tinha unica e exclusivamente em vista *armar* á popularidade, para assim augmentar a sua tiragem e chamar maior numero de annuncios.

Senão, que o digam as creanças que o *Seculo* tem tido ao seu serviço fazendo-as andar n'uma constante roda-viva pelas ruas de Lisboa, desde as 11 horas da manhã até cêrca da meia noite (13 horas de trabalho para creanças de 10 e 11 annos!) muitas vezes completamente molhadas e com a roupa a enxugar-se-lhes no corpo! Que o diga um d'esses pequenos escravos, que, na noite de 28 de janeiro de 1908, o *Seculo* mandou ás proximidades do Rato, justamente o foco da revolução, chegando essa creança a correr grave perigo, pois, segundo a narração que ella, ainda trémula de susto e com as faces afogueadas, fez a varias pessoas no seu regresso, junto d'ella passou uma bala que foi ferir n'uma perna um agente da auctoridade! Que o diga o ministro do gabinete João Franco a casa de quem essa mesma creança foi mandada pelo *Seculo* n'aquella noite, o qual ministro, ao vel-a, exclamou: — "Pobre pequeno! Mas como é possivel que te mandem aqui n'uma noite d'estas?!„

O *Seculo* fala constantemente no povo que soffre e que labuta, *chora* sobre as suas desditas, vergasta frequentes vezes os governos por estes não proverem de remedio os males que affligem as classes trabalhadoras. E, todavia, não ha quem sinta maior despreso do que o *Seculo* pelos humildes, pelos que soffrem e trabalham! Que o digam aquelles dos seus empregados e ex-empregados, a quem elle, *Seculo*, tem applicado multas por faltarem uma ou outra vez ao serviço por motivo de verdadeira doença, tendo-se, algumas vezes, essas infelizes creaturas, para não incorrerem nas multas com que não podem, sujeitado, com grave risco da sua saude e á sobreposse, a um trabalho extenuante durante uma noite inteira!

O *Seculo* obriga o empregado, que, por um lapso inteiramente desculpavel em quem passa as noites n'um serviço verdadeiramente fatigante, deixou *escapar* algum erro em annuncio réclamado, a pagar o annuncio, não pelo preço da composição como seria justo e humano, mas pelo preço da casa, do que resulta o pobre empregado receber, no fim do mez, apenas uma pequena parte do seu ordenado, e algumas vezes nada, senão arranja empenhos para o annunciante, afim de este perdoar a *gralha*, omissão ou troca de palavra. E o empregado que morra de fome, emquanto Silva Graça passa uma vida principesca á custa . . . dos sacrificios dos humildes!

O *Seculo* fala frequentemente em hygiene, e o seu pessoal, quando tem sêde, vê-se na necessidade de ir beber agua a um mijadeiro, lá dentro do edificio!...

O *Seculo* é o *grande* orientador da opinião publica, e quem escreve ... as *orientações*, isto é os seus artigos *editoriaes*, é um certo Avelino de Almeida, que é nem mais, nem menos, — oh! suprema irrisão! — o redactor e director d'um pamphleto obsceno, que dá pelo nome de *Lanterna*, e que ainda no seu ultimo numero, sahido em 25 de junho descrevia scenas . . . que eu, para não ferir o pudor dos seus leitores, não posso descrever.

E apesar de tudo, o *Seculo* continua a ser o jornal preferido do publico! Que jornalistas e que publico!

Diz V., sr. Homem Christo, que conhece bem o Silva Graça. Talvez o não conheça tão bem como eu. Eu sei cousas de fazer córar um granadeiro e que, pela repugnancia que me causam, não publicarei, a não ser que circumstancias imprevistas a isso me obriguem.

Como tudo isto dá vontade de subir muito alto e ... fazer o que fazem os pardaes da Avenida da Liberdade!

Um leitor do "Povo de Aveiro.„

Tornamos a pedir aos nossos assignantes, afim de nos evitarem buscas trabalhosas, o favor de porem sempre o numero das cintas nos seus avisos ou reclamações

A Aurora da Redempção!

A gazeta immunda dos *souteneurs*, commentando um artigo do *Times* sobre a situação portugueza, finalisa d'este modo:

"E' mister que a Europa conheça essas porcarias de que é victima o povo portuguez, para que, na hora opportuna, ella possa fazer o necrologio da monarchia e saudar a Republica como a aurora de redempção de um povo opprimido e espoliado.„

Muito bem dicto! A "aurora da redempção d'um povo opprimido e espoliado!„

Muito bem dicto, muito bem dicto!

E' a cantiga de todos. O Magalhães Lima diz o mesmo!

Que grandes farçantes, e como era bem merecida uma carga de pau n'aquelles lombos!

Elles fazem tudo quanto querem. A monarchia, como ainda agora se viu, borra-se com medo d'elles. Porque se borra com medo d'elles, transige com elles a toda hora, e em tudo e por tudo. Elles, verdadeiramente, é que põem e dispõem. Mas são opprimidos!

Não ha gatunos sem sua licença. Mas são espoliados!

Que boa carga de pau!

Mas não havia de ser só n'elles. Havia de ser tambem no rei D. Manuel!

Depois do desenlace da *ultima comedia* já ninguem, n'esta terra, pode justamente dizer mal dos republicanos sem dizer mal do rei D. Manuel. Já ninguem pode pedir uma correcção severa para os republicanos sem a pedir para o rei D. Manuel.

Os republicanos serão maus. Mas peor é aquelle que, sendo o representante supremo da lei e da auctoridade publica, é o melhor collaborador que teem os republicanos na sua obra de dissolução e d'anarchia!

Para isto ficar completo, devia fazer como o Bombarda o rei D. Manuel. Queremos dizer, acabar com a impostura com que ha dois annos engana este paiz, fazendo profissão de fé republicana.

Faça profissão de fé republicana, D. Manuel!

O Bombarda começou por se declarar ao Urbano Rodrigues enthusiasticamente *libaral*, como Vossa Magestade. E cumpriu honradamente passando-se, de todo, por fim, para a republica.

Faça como o Bombarda, el-rei D. Manuel. E então é que é!

Se Vossa Magestade chega a isso, muito lindo vem a ficar o frontão que ha de coroar a *aurora da redempção d'este povo espoliado e opprimido*

Vossa Magestade, como nympha, dando a mão ao anjo papudo, o Derouet. Por cima, coroando os dois, Bernardino, o homem bondoso, cordeal e justo. E de queixo, babado, o Borracho, n'um plano inferior.

N'uma grande nuvem de poeira, correndo para a immortalidade, a cavallo no França Borges, o Antonio José d'Almeida, levando o Camacho e o João de Menezes agarrados por os cabellos. E mordendo a terra, como o demonio vencido por S. Miguel Archanjo, o Zé Gatuno, o Arroyo e o Centeno, que o Affonso Costa esmaga para que lhe não façam . . . concorrencia.

Que bom cacete!

De Nenhures

1 de Julho.

Tem razão, minha senhora, para se queixar do abandono a que lancei a questão e a minha promessa. Fiz mal em prometter. Mas que quer? A vida d'um jornal de combate e de um homem como eu, é assim. Nunca sei, ao findar um numero do *Povo de Aveiro*, o que será o numero seguinte. Veem assumptos de occasião, necessidades urgentes de publicação, á ultima hora falta-me o espaço, se não escrevo certos artigos no principio da semana nos ultimos dias já não tenho tempo para os escrever, não tenho empregados em termos por mais que os haja procurado, fazem-me asneiras consecutivas, grossas asneiras ás vezes, incommodam-me com ellas, sou forçado, de qualquer forma, a remedia-las, vejo-me na necessidade d'acudir a tudo, emfim, trabalhos, embaraços, difficuldades, canceiras de toda a natureza.

Mas em que ponto da questão estavamos nós? Nem eu sei. E nem vale a pena averiguar agora.

Tratava-se da familia, isto é, do mais grave problema que pode affectar e preoccupar a humanidade. No emtanto, tratado para ahi com uma ligeireza imbecil e criminosa.

Eu não tenho medo de nenhuma conquista da liberdade. De que eu tenho medo é da especulação que se faz á sombra da liberdade. E' da satisfacção do vicio a pretexto da liberdade. E' do crime commettido em nome da liberdade.

Como não tenho medo de nenhuma conquista da liberdade, a nenhuma, em absoluto, me opponho. O que eu digo, só, o que sempre tenho dicto, o que sempre heide dizer é: não deem, a quem a não sabe usar, a liberdade.

O que eu sempre tenho dicto, o que sempre hei de dizer, é que é preciso educar, preparar os homens para a liberdade. E que dar-lhe antes d'isso a liberdade não é servir, é prejudicar a liberdade. A verdade, a justiça, alem da liberdade. A causa da civilisação. A causa da humanidade.

A mim não me faz mal nenhum o amor livre ou o divorcio. Nem a todos aquelles que teem, como eu, solidamente constituida a sua intelligencia e o seu caracter.

Nós não precisamos de ser coagidos ao cumprimento do dever. O dever está em nós. Dispensamos regras, dispensamos formulas, pois não é em obediencia á regra nem por respeito da formula que praticamos a justiça e a bondade.

Mas quantos ha nas nossas condições? Nós somos os felizes da sorte. Nós somos os eleitos da natureza. Os que nascemos tão bem dotados por ella que ficámos refractarios a todas as sementes do mal espalhadas no terreno da nossa alma.

Ha pessoas sobre quem o meio não tem poder absoluto. O meio influe sempre. Não consegue, porem, tornar mau quem nasceu solidamente bom. Nem bom quem nasceu absolutamente mau.

Os que nasceram solidamente bons, por mais que respirem venenos ficam sempre bons. Os que nasceram fatalmente predispostos para o mal, colloquem-nos na atmosphera mais pura, que atravez de tudo e apesar de tudo hão de ser maus.

Quem nasceu com sãs faculdades intellectuaes, rompe, mais ou menos, revelando a sua intelligencia, as camadas espessas d'um meio estupido. Quem nasceu com fracas faculdades intellectuaes pode ir a Coimbra . . . *que quem a Coimbra vae e de Coimbra vem, se burro vae, burro vem, porque Coimbra não dá nem tira juizo a ninguem.*

Mas esta é a minoria. A massa geral da humanidade nem nasceu com condições de invulnerabilidade para o bem, nem com condições de invulnerabilidade para o mal. E' boa ou má conforme a educação, a influencia do meio, as circumstancias. O povo, na sua admiravel philosophia, tão cheia de verdade, de justeza, vem, atravez dos seculos, dizendo: *a occasião faz o ladrão.*

O que o berço dá, a tumba o leva. Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita. Dize-me com quem lidas, dir-te-hei quem és. Quem a boa arvore se encosta, boa sombra o cobre. A occasião faz o ladrão.

Eu recordo este evangelho da sabedoria das nações, que apprendi em pequenito, e dispenso volumes sobre determinismo, livre arbitrio, psychologias, pedagogias e coisas varias. Não me trazem novidades. Não me ensinam coisa alguma.

A maior parte d'esses philosophos, que proclamam as mais rasgadas doutrinas d'emancipação e de revolta, esquecem-se de que estão muito acima do geral da humanidade. Julgam os outros por elles, que é a tendencia geral. E d'ahi lhes vem a illusão.

Para elles, a lei repressiva é uma injuria.

E' mais do que uma inutilidade: é uma injuria. Quem se sente incapaz de commetter o mal, sente-se affrontado com a idéa que os outros possam fazer da sua maldade. Bons, detestam tudo aquillo que os possa embaraçar no caminho amplo para a virtude e para a bondade. Mas não se lembram de que atraz d'elles, applaudindo-os calorosamente, dizendo-se seus discipulos e seus correligionarios, está a turbamulta do vicio e da maldade. Do vicio e da maldade que resultam d'uma pessima organisação social, d'um meio por muitos motivos detestavel. Não se lembram de que esses *discipulos*, esses *correligionarios*, sem preparação para o bem, ou ingenitamente incapazes do bem, só os applaudem calorosamente, não por amor do bem, mas por amor do mal.

Não ha malandro nenhum, regularmente culto, que não seja partidario da *maxima liberdade*. Não ha mulher alguma, em quem o brutal sentimento do sexo não seja superior ao puro sentimento de mãe, ou ao nobre amor de si propria, que não se diga, ou que não seja, no fundo, partidaria do amor livre ou do divorcio.

O que resta, pois? O que é preciso fazer? Instruir, moralisar, n'uma palavra: educar.

Ninguem solta um cavallo, ninguem o deixa correr as ruas em plena biberdade, só porque é um vexame ou um tormento usar de freio para o conter e o guiar.

E' a maior das imbecilidades pretender dar a um povo leis que elle é incapaz de comprehender e que, por conseguinte, não saberá usar. Não é já um crime. E' peor. E' uma imbecilidade.

Esse absurdo não o defende nenhum publicista intelligente. Não o pratica nenhum estadista honrado. Se se tem feito em Portugal é porque nós, com rarissimas excepções, rarissimas! nunca tivemos publicistas e homens d'estado verdadeiramente intelligentes e verdadeiramente honrados.

Por darmos a este povo leis inteiramente incompativeis com o seu estado social, é que resultou a tremenda anarchia e a tremenda immoralidade que ahi vae. Não teve outra origem a dissolução, a pavorosa dissolução em que se afunda esta patria! Dissolução da familia, dissolução do governo, dissolução de toda a moral do individuo e de toda a moral do Estado.

O divorcio, demonstrámo-lo já, se tem vantagens tem inconvenientes extraordinarios. O divorcio é uma lei de protecção para os paes. Mas é uma lei de *abandono* ou de *prejuizo*, manifesto, incontestavel prejuizo moral, para os filhos. Repito a pergunta que já fiz: devem preferir os interesses dos filhos ou devem preferir os interesses dos paes? Perante a moral natural e social, é o interesse do filho que prefere ao interesse do pae.

Mas supponhamos o contrario. Mesmo que a lei do divorcio seja uma lei *moralmente inatacavel*, o que é certo é que, mais que qualquer outra, se presta, ou pode prestar-se, a *enormes abusos*. Em vez d'uma lei de moralidade, pode ser um instrumento da mais espantosa immoralidade. Uma gazua, para abrir *legalmente* a porta do vicio e da dissolução familiar. Sendo assim,—e que o é, ninguem, em boa razão, o pode contestar—para que o divorcio offereça garantias de seriedade, e se torne um elemento moralisador no seio da nossa sociedade, a primeira coisa é dar caracter a este povo abandalhado.

A este povo dissoluto! Estupido e dissoluto! Que já não tem tradicções de governo, nem de familia, nem de trabalho, nem normas e principios de virtude, nem o menor culto de justiça e de verdade!

Deem-lhe caracter! deem-lhe caracter. A começar por alguns propagandistas do divorcio, que pelo simples facto de quererem quebrar os laços que os prendem, a elles ou ás amantes, não hesitam em sacrificar um povo inteiro ao seu egoismo miseravel.

As melhores leis são péssimas quando não correspondem a uma necessidade social.

Ora ensinem este povo a ler e a pensar, desde a dama aristocratica até á mulher do povo, desde o peralvilho até ao carroceiro, a trabalhar. E deem-lhe depois todas as leis de liberdade.

Pão, brio e juizo. Esta é que é a necessidade urgente de Portugal.

O resto é secundario.

C.

... *Sr.*

25-6-910.

Teixeira de Sousa acceitou a missão de formar ministerio, e já a estas horas o novo gabinete está organisado. Por quem? Que importa? Trata-se d'um ministerio da mais retinta feição regeneradora revolucionaria.

Sobem ao poder os homens que enchiam o fallecido rei D. Carlos dos mais torpes epithetos. Vão aos conselhos da corôa os mesmos individxos que n'um tom escarninho chamavam *Leandro* ao defunto monarcha.

Os destinos da nação vão ser entregues a um bando de creaturas, que segundo tudo leva a crêr, applaudiram o 28 de janeiro, e imparam de contentamento com a tragedia de 1 de Fevereiro.

O que se vae passar? Não sei. Presumo entretanto que factos bem tristes se darão. *O processo do regicidio será, sem duvida, abafado, e o juiz d'instrucção criminal votado ao ostracismo.* Poderá entretanto isto ser? O rei D. Manuel, antes de ser rei, é filho. Terá elle coragem de manchar a sua adolescencia, com um tão triste esquecimento dos seus deveres filiaes?! . . .

Por muito que digam o contrario, a intervenção de V., em toda esta *degringolade* da nossa pobre patria, tem sido salutar. Não duvide, pois, intervir de novo com toda a sua bella energia, n'este caso triste, tão profundamente revelador da miseria politica a que chegámos.

Lembre V. a S. M. El-Rei o que lhe cumpre fazer. Lembre-lhe successiva e tenazmente que não deve consentir que esse homem, que vae ser o seu presidente de conselho, insulte cruelmente a memoria de seu pae *deixando impunes os seus crueis e desalmados assassinos.*

Escreve-lhe extremamente commovido a mesma creatura que com a mais patriotica isenção, lhe communicou em tempos certo documento oue lá fóra fez calar, e escumar de raiva alguns dos nossos detractores. Trata-se d'um apello ao seu nunca desmentido patriotismo.

Oh a tropa, a tropa, os nossos cadets de Gascogne, *qui ont aussi des dents de loup pour feindre la canaille qui grogne!*. Se ella não intervem, estamos perdidos.

Com a maior consideração

De V. etc.

Leitor assiduo do "Povo de Aveiro„.

CARTAS LISBOETAS

30 de junho

A proposito da prisão do sr. José Bello, motivada pelos casos do Credito Predial, fez o directorio republicano publicar uma declaração regeitando a sua solidariedade a qualquer republicano que pretendesse cercear a livre acção da imprensa na apreciação dos factos occorridos com o banco hypothecario.

Foi o caso do sr. Cunha e Costa haver tomado a defeza de José Bello e de ter, a proposito, dirigido uma carta á imprensa.

Parece que, effectivamente, tal facto desagradou profundamente á moral politica da gente que na rua de S. Roque faz o jogo partidario e o réclamo forense do sr. Affonso Costa, e o caso é que, levada a questão para a auctoridade do directorio, este houve por bem cortar o mal pela raiz regeitando a solidariedade com o advogado Cunha e Costa.

Isto, que parece á primeira vista muito natural, é, no fundo, o symptoma do estado de desorientação a que tudo chegou n'este paiz.

Sem querermos fazer historia, vejâmos rapidamente a questão.

Cunha e Costa voltou do Brazil coberto dos odios dos republicanos. D'elle se diziam as ultimas inconveniencias e até aos comicios chegaram os echos d'essa antipathia que não encontrava nada a contrariá-la.

Assim, na inauguração de centro republicano de Coimbra com o discurso do medico Augusto Barreto, coberto dos applausos freneticos de uma assembleia que, porque não ha de dizer-se?—não sabia de que se tratava. Com o assentimento dos magnates que, começando por Antonio José d'Almeida e acabando em França Borges, descendo do auctor da *Desaffronta* ao gerente do *Mundo*, rodeavam Augusto Barreto no palco do theatro-circo . . .

Cunha e Costa entrou para o *Seculo* onde, parece, ganhava bem e tinha, no fim do anno, um peru do Natal. O *Seculo* era execrado pelos republicanos, apesar do glorioso parlamentar haver escripto a Silva Graça aquella carta celebre de que tanto se fallou ahi no soalheiro da imprensa, e contra Silva Graça e *o outro* se levantou uma larga campanha de descredito, das mais indignas que teem vindo a lume n'estas patuscas gazetas lusitanas.

Chegou, porem, o dia em que Cunha e Costa, deitando pela janella fóra os seus quatro contos e pico, se foi entregar nos braços da gente que d'elle havia escripto e dicto as ultimas, e isso bastou para que, protegido pela auctoridade moral de França Borges, Cunha e Costa entrasse, pela mão do pontifice Bernardino, isempto de toda a culpa, no partido republicano que, como premio de consolação pela perda dos seus quatro contos e pico, lhe offereceu uma cadeira na Casa da Cidade.

Estava Cunha e Costa rehabilitado para a vida partidaria e começou a desenvolver-se a sua actividade jornalistica.

Os que o não applaudiram não o combateram, os que não lhe cahiram nos braços *gramaram-no* e chegou a ser, por vezes, o homem do dia.

O *Mundo* desvanecia-se pela victoria do seu amigo e, é de justiça confessar-se, afóra o artigo de Cunha e Costa, aquella gazeta não podia ler-se.

E' possivel que os companheiros, inferiorissimos, tramassem sempre contra elle na sombra, que contra elle fervessem as intrigas, que França Borges, convencido da obtusidade propria, não visse com bons olhos o camarada que escrevia correntemente a lingua e que, pouco a pouco, se fosse preparando a derrota do plumitivo audacioso . . . E' possivel.

Mas chegou o caso do José Bello e a tormenta estalou, o directorio declarou a sua incompatibilidade, uma vez conhecedor do desagrado do gerente do *Mundo*.

Não é preciso ler-se a longa carta que Cunha e Costa escreveu ao *Seculo* para se ver que o directorio não andou avisadamente.

Bastava só que José Bello fosse republicano para que o acto de Cunha e Costa, acceitando a sua defesa, fosse um acto generoso, nobilissimo, quasi heroico.

Realmente o directorio a negar a sua solidariedade a Cunha e Costa por inspiração do França Borges é para provocar um pouco o riso, não é?

Significa isto que Cunha e Costa mereça, como jornalista, como homem publico, como orador, como politico, a consideração publica? Não, por certo. Mas a verdade é que o directorio o *gramou* e, depois, procurou desconsidera-lo por um acto certamente inconsiderado e que não demonstra, por parte dos escrupulosos cidadãos que o compõem, senão que . . . é preciso estar de accordo com o *Mundo* e não convem desagradar ao seu gerente.

Claro, Cunha e Costa e França Borges não se confundem, embora se completassem na gazeta, e se um tem um cadastro de transigencias, de tergiversações partidarias ou o quer que é, o outro não tem no seu patrimonio jornalistico um artigo digno de nota, um artigo capaz de ler-se, razão porque Cunha e Costa faz, inquestionavelmente, mais falta ao *Mundo*, do que o réclamo da folha da rua de S. Roque a Cunha e Costa.

Não lhes sei dizer que motivos reaes determinariam, teriam determinado esta scisão d'agora, mas é para extranhar que o bom do directorio, sempre tão respeitador da ordem e amante da boa paz, venha, por causa do caso Bello, voltar as costas ao ex-vice-consul em Santos . . .

Será a *entourage* de Brito Camacho que triumpha? Será . . . mas o seu triumpho seria digno se o combate houvesse sido feito a descoberto, se, com armas na mão, de penna em riste, o grupo da *Lucta* houvesse combatido, de cara levantada e em voz alta, o regresso de Cunha e Costa á vida partidaria.

Não se fez isso; foi mais uma lucta de intriga do que outra coisa.

Nas conversas particulares, no soalheiro dos cafés, nos centros de má-lingua punha-se Cunha e Costa pelas ruas da amargura, nas columnas do jornalismo adverso não se arriscava combate contra elle. Repontava-se um pouco, arrebitava-se um tanto ou quanto o nariz, mas—que remedio?—gramava-se o seu regresso ao partido, chegava mesmo a fazer-se a propaganda da sua acção politica.

Quer dizer—Cunha e Costa não era bom, mas os outros eram como elle. D'onde resultava, pouco mais ou menos, o seguinte: uns não o combatiam, porque em materia de auctoridade moral não se sentiam muito fortes, outros evitavam-n'o porque, certamente, mentalmente o temiam. Uns porque tendo de vidro os telhados entendiam com uma relativa prudencia que o melhor era não atirarem pedras aos do visinho. Outros esquivavam-se, porque a Cunha e Costa precedia-o uma certa fama de talento, que para elles é uma coisa . . . que nasce nos outros.

Se prepararam a deliberação de agora do directorio, prepararam-na a occultas, talvez hypocritamente disfarçando seus intentos, jesuiticamente, quando só ao fim d'uma rija lucta de penna o deveriam ter conseguido.

E isso é grave para o directorio que teria, assim, procedido de encommenda para satisfazer a *consciencia juridica* do gerente do *Mundo* ultrajada com a presença do reprobo que não havia hesitado, sem o beneplacito affonsino, em meter-se nas coisas do Credito Predial acceitando a defeza do sr. José Bello.

Obtida agora do directorio a rejeição de solidariedade com o advogado de J. Bello, se apparecerem nos jornaes combatendo Cunha e Costa os que, por qualquer forma ou feitio, o acceitaram ou o gramaram, esses homens, pelo seu acto de covardia, estarão abaixo de toda a critica.

Não porque Cunha e Costa seja um santo, mas porque elles só o não temeriam quando entrado de novo no desfavor partidario, o que não representa, positivamente, uma virtude democratica . . .

BELGAVINO.

Pulhas todos

E bem pulhas todos, com effeito.

Nem outra impressão se pode ter, nem outro juizo deve formular nenhum homem de honra, ao demorar um olhar, ao fazer o mais superficial exame da corja que se impoz o papel de redempção d'esta patria!

Por estas ou por outras palavras se expressava um homem de bem do Porto, ao ler esta secção — acrescentando que, todas as segundas feiras procurava em determinada tabacaria o *Povo d'Aveiro*, dizendo:

— *Dê cá o evangelho da segunda feira!*

E, pela nossa parte, por parte de quem lhe envia estes rabiscos, sr. Homem Christo, não pudemos deixar de registrar n'estas columnas aquellas palavras, porque ellas não traduzem apenas uma grande verdade, mas evidenciam um grande caracter, e um grande coração.

De que traduzem uma grande verdade, temo-lo visto já por depoimentos insuspeitos — depoimentos de Bruno, na *Voz Publica* —de quem voltamos a soccorrer-nos.

Ora vamos lá . . . Affonso Costa é avaliado por Sampaio Bruno, na *Voz Publica* de 17 de janeiro de 1902, d'este modo, em editorial, terceiro da serie, com a epigraphe:

As declarações do sr. dr. Affonso Costa ao partido republicano.

«Prosegue nas declarações o sr. dr. Affonso Costa.

Fatigo-me, lucto, trabalho sem descanço, apenas para cumprir bem o meu dever.

E' este o lemma d'um brazão d'honra . . . para quem tem a noção nitida dos seus actos, mas, o sr. dr. Affonso Costa! . . .

Fatiga-se . . . planeando conspiratas e conflictos sangrentos . . .

Lucta . . . com um antagonista de reconhecida inferioridade physica . . .

Trabalha sem descanço para destruir ou inutilisar os que podem e devem oppor-se ás suas manobras ambiciosas e aos infimos expedientes da sua vaidade irrequieta.

E assim julga o bacharel impulsivo cumprir bem o seu dever! E ahi está para que o sr. dr. Affonso Costa se fatiga . . . Julga-se impeccavel, que a acção que commetteu foi a mais nobre do mundo, que o seu impulso foi um acto de heroismo, o que nada admira, porque ha impulsivos—criminosos-natos—que se julgam deuses. Mas a sociedade lá está para avaliar como elle cumpre bem o seu dever faltando ao respeito a si mesmo! Desde que se cahe n'esta baixeza todas outras se succedem. E que auctoridade moral terá agora o sr. dr. Affonso Costa para se impor, como um dos dirigentes d'um partido, que tem a engrandece-lo e a illustra-lo perpetuamente a memoria honrada de tam leaes e nobres partidarios?

O sr. dr. Affonso Costa é a vergonha, sem que nos peze dize-lo, de José Falcão, Rodrigues de Freitas e de tantos outros que constituem o culto do partido republicano e que se vivessem mandariam cobrir de luto o brazão do seu partido como protesto do acto covarde d'um aventureiro que, prostituindo todos os principios partidarios não duvidou mancha-los de sangue e dedeshonra!

Acha-se interdicto o templo. E só poderá purificar-se banindo do seu seio quem constituirá a eterna vergonha do partido; quem desattendeu o prestigio e disciplina partidaria, que não podem andar pegadas á vaidade de individuos que presam mais o musculo que o intellecto, mais o desforço covarde que a desaffronta honrada (se é que se tratava de uma desaffronta ou d'um simples dever de explicação) o antro das conspiratas á tribuna da ideia, de que nunca sahe o nome, a sua honra, as suas vis paixões. E não ha meia duzia de homens determinados que queiram salvar a patria. Illudem-se todos aquelles que optam por este ou por aquelle regimen. A monarchia tem provado o quanto vale, mas a proclamação da Republica só traria sérias e graves consequencias. Só uma coisa pode salvar a nação, o sentimento. Só a comprehensão do Dever, como V. muito diz, pode redimir essa desgraçada patria.

Se é preciso erguer a forca, erga-se.

Se é indispensavel varrer certos individuos a ferro e fogo, varram-se.

Mas salve-se a Patria.

Unam-se os bons homens sem discrepancia de partidos e cumpram com consciencia a sua missão. Levantem a Patria da lama em que se afunda. Salvem o nome e a honra da nação, que saberá ser-lhes grata, e os seus nomes ficarão eternamente gravados no coração de todos os portuguezes que são portuguezes.

Appelle-se para o sentimento nacional de todos e a consciencia do dever de cada um.

Sejam quaes forem os meios, salve-se a Patria.

Subscrevo-me com consideração

J. C. Rodrigues.

CARTA DE NEW YORK

NEW YORK, 14 de Junho de 1910

Sr. director do "Povo de Aveiro„

Assiduo leitor do seu jornal, não me posso furtar ao desejo de cumprimental-o, d'aqui da America, pela *Plucky way* como V. corta as escrofulas da sociedade portugueza, universalmente degradante.

Admiro, entretanto, a imparcialidade tamanha de V. e a sensatez, filha d'esta e da verdade, como se refere a João Franco e como trata do assassinato de D. Carlos. E' admiravel e a verdade resalta acompanhada de tão profundo criterio. Grande coisa é a imparcialidade e a ausencia de paixões pessoaes!!

Creia que tambem no Novo Mundo, o seu jornal é lido do principio ao fim com grande interesse e unanime approvação.

Roosevelt, no seu discurso em *Oxford College* sobre Biologia, disse:

"Durante o periodo de intensa e febril actividade entre os povos da Europa, primeiro um, depois outro, tomou a frente. O grande movimento começou com a Hespanha e Portugal. A era florescente d'estas duas nações foi rapida quanto maravilhosa. Vultos de guerreiros, exploradores, estadistas, poetas etc., illuminam as bellas paginas dos seus annaes. Depois, cessaram os seus dias de grandeza. Pode haver muitas explições parciaes. Ha, porem, alguma coisa occulta atraz d'uma força invisivel para o mal, uma origem de fraqueza em que não podemos pôr mão.„

E' verdade, força irresistivel para o mal, espirito de fraqueza, eis o que hoje predomina no caracter nacional. O espirito da antiga raça lusitana succumbiu e hoje succede-lhe um povo sem caracter nacional, em tudo differindo d'ess'outro povo que o precedeu e d'onde surgiram tantos vultos magnanimos que, affrontando as furias dos elementos e sulcando, em frageis bateis, mares virgens, descobriam mundos, conquistavam e submettiam povos e edificavam reinos, por toda parte proclamando a soberania da raça branca, expandindo a nova era da civilisação, levados pelo sentimento da Patria em volta da qual crearam uma aureola de gloria, impondo-a ao respeito e á admiração das nações inteiras

Mas tudo isso, de grande e heroico, de genial e sublime, passou. Que é d'essa Patria de titans que Camões immortalisou? Que é hoje Portugal? Um montão de ruinas devastado por um flagello ainda mais terrivel e fatal que o cyclone, a lava da desmoralisação. Portugal é hoje um antro de bandidos debatendo-se nas mais infimas e illicitas paixões e que nas suas ambições, que não conhecem limites, afim de attingirem os seus fins, abusam da boa fé, suffocam o sentimento, calcam as tradicções e assassinam uma Patria moribunda sem mesmo tratarem de a salvar.

E assim morre uma Patria que outros ergueram ao apogeu da gloria á custa de heroicos esforços e milhares de sacrificios!!!

O sentimento nacional já não existe em Portugal. D'outra fórma não se comprehende a inercia da nação permittindo que um pifio bando de bandidos insista em governal-a, sacrificando o seu bem-estar, o seu nome, a sua honra, as suas vis paixões. E não ha meia duzia de homens determinados que queiram salvar a patria. Illudem-se todos aquelles que optam por este ou por aquelle regimen. A monarchia tem provado o quanto vale, mas a proclamação da Republica só traria sérias e graves consequencias. Só uma coisa pode salvar a nação, o sentimento. Só a comprehensão do Dever, como V. muito diz, pode redimir essa desgraçada patria.

Se é preciso erguer a forca, erga-se.

Se é indispensavel varrer certos individuos a ferro e fogo, varram-se.

Mas salve-se a Patria.

Unam-se os bons homens sem discrepancia de partidos e cumpram com consciencia a sua missão. Levantem a Patria da lama em que se afunda. Salvem o nome e a honra da nação, que saberá ser-lhes grata, e os seus nomes ficarão eternamente gravados no coração de todos os portuguezes que são portuguezes.

Appelle-se para o sentimento nacional de todos e a consciencia do dever de cada um.

Sejam quaes forem os meios, salve-se a Patria.

Subscrevo-me com consideração

J. C. Rodrigues.

O Lanterneiro

Quer V. saber a chronica do homem da *Lanterna*. Por agora ahi vão estes breves esclarecimentos, cuja authenticidade garanto. E' natural da terra das queijadas este *heroe*. Um dia lembrou-se, á falta de outro mister appetecivel, de se fazer Padre, para o que deu entrada no seminario de Santarem. Alli esteve alguns annos, revelando aptidões mais que sub-mediocres, (como diria o Alpoim). Escrevinhava já então qualquer coisa na *Nação*, miguelista. O *lanterneiro*, então partidario acerrimo do absolutismo, conservou sempre no seu quarto, em logar de destaque, o retrato do Senhor Dom Miguel, de quem cantava as virtudes que não negâmos ao principe proscripto.

Passado algum tempo, mandou para o *Correio Nacional* um ou dois artiguelhos, plagiados quasi na integra, sobre *a arte christã*, ou coisa que o valha, e eis o homem a caminho . . .

Nas aulas, era uma chaga. Em compensação, á porta da escola não se cançava de mostrar, aos collegas, uma enorme penna,—que, dizia elle,—era o estadulho para dar cabo do Theophilo Braga, contra quem escreveu varios artigos, e com certa arte—diga-se toda a verdade... Eram, porém, de notar, por todos, os ares seraphicos do masmarro em formação, envergando, sempre por sobre a batina, o casacão á *jesuita*, unico em alumnos. Era já o manto da hypocrisia a cobrir o futuro . . . *lanterneiro*. Passado pouco tempo, o homem, desanimado, porque não entrava nem a bem nem a mal com a mathematica, e talvez por outros motivos que desconheço, deixou balandrau e mais apetrechos de aprendiz de Padre, e eil-o encaixado no *Correio Nacional*, á razão de sete tostões por dia.

Catholico ultramontano sempre. Por lá se conservou até á traição do Quirino de Jesus (o advogado do Hinton) ao nacionalismo e com elle (Judas não teve sequazes, mas o Quirino teve mais sorte) seguiu para a *Voz da Patria*, jornaleco creado só para insultar o Jacintho Candido, morrendo logo.

E agora?

Que comer?

Bate então ao balcão da rua Formosa que dá abrigo ao companheiro do Quirino, traidor.

E apesar de alli estar, era ainda, para todos os effeitos, o catholico de outro tempo, que ia a S. Vicente, segundo se affirma, explicar a sua permanencia no *Seculo* onde prestaria encapotadamente serviços á Religião, tendo exigido do Silva Graça que nunca o forçasse a escrever uma linha contra a sua crença.

E tão intensa era ella que não duvidava accumular o cargo de reporter do *Seculo* com a posta choruda de correspondente telegraphico da *Palavra*, que a principio informou, como nenhum correspondente dos jornaes do Porto. Mas esse zelo foi-se esvaindo e o noticiario falhava.

Gonçalves Cortez, então proprietario do orgão nacionalista do Porto, escrevia, escrevia, bramava, fulo com o pessimo serviço. Até que houve por bem dispensar os serviços do ex-aprendiz de Padre.

Então foram ellas! . . . . . Malandros, gritava elle. Hão de pagar-m'as! Foram, *com certeza*, pedidos dos Jesuitas de Campolide ao Cortez, por eu ser redactor do *Seculo*!

Era um horror escutar o virtuoso escriba. Caso notavel: quem o ouviu, ao sacripanta, dias antes de ser despedido da **Palavra** discretear sobre Jesuitas e mais coisas, e o tornou a ouvir, sobre o mesmo assumpto, dias depois de tal facto, ficou abysmado, com a mudança. As convicções religiosas do homem residiam no estomago. Desde então parece possesso. Esbraveja, clama, grita, como um energumeno, contra quem . . . suppõe que lhe diminuiu a ração. No *Seculo* apparecia diariamente a bilis esverdeada pelo odio do marmanjo contra padres, frades, etc. Mas não achando bastante, *accende a lamparina* e eis o homem no serviço honroso de . . . bufo. Está onde sempre

devia estar. Se não andasse a coçar o fato pelas redacções dos jornaes catholicos, onde fez a aprendizagem do pouco que sabe a respeito de jornalismo, não chegaria ao apogeu de *tanta gloria*. Não attingiria a *culminancia* d'um Paulo Emilio, *lanterneiro*.

Por hoje ficamos por aqui, mas o assumpto ainda dá para desmascarar este *transfuga*, que pensando na barriga esqueceu o que devia á sua dignidade de homem sério. Lembre-se do tempo em que firmava os seus escriptos com o pseudonymo de *Pedro Fabro* — Jesuita —para agora estar a soldo, insultando quem hypocritamente incensou n'outro tempo. Já se esqueceu do que fez, quando da fundação do *Portugal?* Não nos obrigue a vir com tudo para a rua. Esmaga-lo-hiamos, se já o não estivesse no conceito de toda a gente de bem. Miseravel, que não se envergonha de estar exercendo o vil mister de bufo, lançando lama sobre quem está muito acima do *latrinario*, perdão, do *lanterneiro* das duzias.

E' necessario, sr. Redactor, pôr a descoberto estes marmanjos, que mudam de convicções segundo a maior ou menor verba do recibo mensal, estadeando, no emtanto, o veneno que lhe corróe as entranhas, feitas de podridão.

E' preciso sanar pelo escalpello e pelo bisturi:

. . . Quando os *tumores* forem tamanhos que se *vejam* bem ! . . sem *lanterna !* . . .

Lisboa, 27-VI-1910

Um ex-collega do Lamparineiro

Deposito de barretes de todos os typos do fabrico d'este concelho

A mercadoria é posta á nossa custa na estação de Pombal.

O maior deposito de adubos chimicos na região do Zezere.

Este artigo que de anno para anno tem desenvolvido grandes vendas, pode expedir-se nas estações de Lisboa, Barreiro ou na Povoa.

Pedidos a *Manoel Rodrigues*—Largo do Adro — **Pedrogam Grande.**

Confeitaria Oliveira, Limt.da

Praça de Carlos Alberto

PORTO

Preferir sempre os lunchs, almoços e jantares de esta casa.

Fornecedor da Casa Real

Telephone n.o 10

Melhoramentos de Lisboa e Porto

(ou a maneira unica de atrahir o tourismo, trazendo-nos 18:500 contos de reis, em regra, por anno) por

Fr. de Paula Botelho

Plantas, preço, 100 reis, e 60 reis, nas livrarias de Lisboa e Porto.

Grande Confeitaria Parisiense

Casa fornecedora de lunchs, jantares e soirées no Porto e provincia

BASTO, LEMOS, FARIA & PEDROSO

167, Rua de Santa Catharina, 171—Porto

Telephone, 533

Alpoim e a... dama do Paço

Urge, sr. redactor, esclarecer esta questão. O Paiz não pode estar sujeito a esta triste situação. . . de depender a sua tranquilidade de uma *carta*. Diz-se que esta triste solução da crise foi obra de Wenceslau, Rainha e da do *olho de vidro*. Que tudo isto — as consultas a varias individualidades, tantas demoras, etc. — foi uma fantochada preparada desde ha muito no Paço, para entregar o poder á quadrilha republicana, sob a firma Alpoim-Teixeira-Affonso Costa.

E tudo por causa da tal *carta*. O Rei procedeu em tudo como Pilatos no Crédo, não percebendo o *trama* em que cahiu e que caro lhe ha de custar.

Creia-o Sua Magestade.

Dentro em breve veremos o resultado de tanta cobardia e de tanta pouca vergonha. Quem o diria? O T. de Souza no poder! Alpoim a governar! Na minha opinião todos os monarchicos, perante este descalabro, deviam abandonar a corôa, já que ella assim quiz entregar-se ao inimigo.

Ser monarchico, para quê?

Quando o Rei e mais *gente do Paço*, quer entregar-se ás mãos dos seus inimigos, voltando as costas a toda a gente de bem, que resta?

Vêr esta Patria no occaso vergonhoso e, o que é mais, perdida com a maior deshonra. Ao menos, que soubesse morrer! Mas, será tudo isto por causa da tal *carta?* Morte aos *traidores!* E viva a Patria!

Unam-se todos os portuguezes, e fallem ao Rei com energia, para que em vez de . . . creança, (1) seja homem, em logar de *bondoso* seja valente, como foi seu Pae. *Isto* assim é que não pode continuar. Abaixo os quadrilheiros, os ladrões e os traidores. Que vergonha ser Portuguez! Que pena não termos **um Rei!**

Lisboa, 26-6-1910.

UM QUE *era* MONARCHICO.

(1) A respeito de creança . . . temos conversado!

Cueiros aos vinte annos . . . devem cheirar peor que as calças do Camacho.

Vá de graças! **N. da R.**

Casa Damas

Praça de Carlos Alberto — PORTO

O MELHOR ESTABELECIMEETO

de CONFEITARIA,

MERCEARIA

e VINHOS

Telephone n.o 300 — Adresse — Casadamas

UM IGNOBIL GAROTO

Escrevem-nos:

" Se V. conhecesse bem o pulha do Julio Ribeiro não lhe dava, discutindo-o, a importancia que lhe tem dado. O garoto mais pulha, mais indecente, mais asqueroso, mais prostituido, que a sua imaginação possa admittir, é mil vezes superior a este ente abjecto, a este canalha.

Chamar-lhe garoto, é honra-lo ainda. E' a verdadeira perversão humana, o miseravel. E' o intestino grosso, como V. justamente disse, a occupar-lhe todo o cerebro e todo o coração. Emfim, não o ha mais besta, nem mais canalha.

Fingindo desprezar o *Povo de Aveiro*, todos lhe conhecem, no rosto, o vergão das chicotadas. Não lhe subiu a vermelhidão ás faces, isso não. Mas no fundo cavado da sua cara esqualida de fetido latrinario, sente-se a marca do despeito impotente perante as sibilantes vergalhadas d'esse jornal. O seu supposto desprezo não é senão a demonstração flagrante da sua miseria intellectual. Inteiramente incapaz de se defrontar com um polemista de raça, julga, o idiota, encobrir o escabujar feroz da impotencia com a gargalhada alvar.

Não lhe bata mais. Elle não tem cara— V. já o disse—nem para chicotadas, nem para escarros. Escarra-se-lhe na cara, e elle limpa, não porque seja aceado, que é immundo, mas para que nem todos saibam dos escarros. Dão-se-lhe dois pontapés no fundo das costas, e elle segue avante, intimamente mordendo-se de despeito, mas com a mesma cara estanhada. De resto, não tem n'esta terra a minima importancia. Servem-se d'elle os correligionarios. Mas são estes os primeiros, no fundo, a despreza-lo.„

Nós não lhe démos importancia. Quizemos, simplesmente, aproveitar esse pulha como um dos melhores exemplares do quadrilheiro politico em Portugal.

Só á força de se verem e analysarem esses pulhas se chega a crear pelo politico portuguez o tedio necessario para dar força de desforra ás consciencias honestas.

E no proximo domingo contaremos as façanhas do outro socio, o Alberto Silva. Esse tambem é . . . de primeirissima ordem!

Confeitaria-Restaurante

CASA DE CONFIANÇA

FORNECEDORA DA CASA REAL

Lemos & C.a L.da

90, Rua dos Clerigos, 94 *Telephone, 868* — **2, Rua do Correio, 12** *PORTO*

Completo sortido de todos os artigos de confeitaria, pastelaria e salchicharia

Almoços das 10 á 1 hora da tarde

Jantares das 6 ás 8 horas

Serviço á lista até uma hora da noite, chá, leite, chocolate, café, cacao e canja de gallinha

A toda a hora

De Lisboa

. . . Sr. Homem Christo.

Triumphou a intriga, a devassidão, o desvergonhamento, a audacia, a crapula, o bandidismo! Triumpharam os incendiarios, os adiantadores, os desavergonhados, os assassinos, os ladrões dos dinheiros da nação, os exploradores dos chorudos logares do estado, das companhias, dos syndicatos, dos bancos, de tudo onde ha dinheiro para a quadrilha se atascar até ao pescoço! Triumphou tudo o que ha de mais devasso, de mais pulha, de mais reles, de mais vil, de mais ignobil e de mais asqueroso na sociedade portugueza!

Triumphou o que ha de mais abjecto, de mais baixo, de mais sordido, de mais pulha entre homens civilisados, ou que o deviam ser.

Triumpharam os homens sem escrupulos, sem dignidade, sem pudor, sem brio, capazes de todas, todas, as baixezas, por mais repugnantes que ellas sejam, para satisfazer os seus caprichos!

Triumpharam os homens que, se fôr necessario assassinar e incendiar, envenenar, roubar, fazer seja o que fôr, de mais baixo, de mais vil, de mais crapuloso, de mais reles e de mais criminoso, até de vender a patria para conseguir os seus fins, não hesitam um momento. Desceu isto o mais que era possivel; está presidente do conselho Teixeira de Souza!!! Custa a acreditar, pois é um facto que a todos parecia impossivel. Consumou-se o maior escandalo da nossa historia!!! E' presidente do conselho do nosso paiz o homem de menos escrupulos que conheço! Vão governar este paiz os homens a quem a *Liberdade* de 23 do corrente chama: «cafila de bandidos, desavergonhados, peiores que anarchistas, petroleiros, peores que os salteadores d'estrada, peores que assassinos das viellas, etc., etc.»

Quando um jornal da seriedade d'este falla assim, calcule-se o que dirá o resto da humanidade!

Quando chegou a certeza de que o rei tinha descido tanto, que tinha no Paço Real triumphado a intriga masculina e feminina, houve um momento d'assombro! Parecia que um raio, um terramoto, um tremendo cataclismo desabava sobre esta pobre nação.

Nunca vi o espirito publico tão assombrado, tão estarrecido, tão atonito! Custava a acreditar que Teixeira de Souza tivesse conseguido escalar o poder, só pela audacia, só pela intriga, só pela intimidação, só pelas patadas, só pelos berros, só pelos extraordinarios e ignobeis processos que empregou! E conseguiu!

Não se calcula como o rei foi julgado, nem elle pode, nem de leve, pôr na sua imaginação quanto desceu, quanto perdeu, quanto mal lhe fez ter cedido á bem urdida intriga, tanto masculina, como feminina, que urdiram em torno d'elle!

Ha de ver o resultado!

O espanto e a estupefação foi geral, com excepção especial dos amigos, que até esses estavam atonitos.

O povo, a nação tinham direito a que o rei os tratasse por outra forma.

Foi a maior afronta que o rei podia fazer á nação, atirar-lhe á cara com Teixeira de Souza. Era menos afrontoso atirar-lhe com um gato morto, já podre, já fedorento, já em decomposição! O rei sabe lá o que fez? Sabe lá no que se metteu?

Entregar o poder á sociedade Teixeira de Souza, Alpoim, Affonso Costa, é o mais baixo a que um rei podia descer.

Os homens a quem a opinião publica imputa a conivencia com os assassinos de seu pae e irmão, com os revolucionarios de 28 de janeiro de 1908, para fazerem a republica e expulsarem a tiro toda a sua familia se lhes fosse necessario! E' assombroso que Sua Magestade nos fosse entregar, e se fosse entregar a si proprio, manietados de pés e mãos, a essa gente. Nem calcula, meu Senhor, como Vossa Magestade é apreciado!

Faz pena ver um rei que foi recebido pela nação tão amavelmente, tão carinhosamente, alienar assim a corrente de sympathias que o acolheram! Faz pena realmente! Sua Magestade fica com o que ha de mais baixo e mais reles na politica portugueza, mas foge-lhe tudo o que tem brio, vergonha, pondunor, e dignidade. Acamaradou-se com as quadrilhas, mas fugiu-lhe o que ha de digno, honrado e preponderante na nação. Não tenha duvida, meu Senhor. Perdeu immenso em se deixar illaquear pelos intrigantes masculinos e femininos que o cercavam.

Teixeira de Souza ha-de servir-se dos dinheiros da nação, dos empregos publicos, dos sellos do estado, para corromper tudo quanto se oppozer á realisação das suas ambições, mas nem tudo se corrompe, nem tudo se vende, nem todos se deixam enlamear, ha-de encontrar uma resistencia séria, digna, energica, vehemente, á realisação das suas manigancias. Esteja certo d'isso, se não estamos todos contaminados. A toda a gente parecia impossivel que Teixeira de Souza chegasse a realisar as suas absurdas ambições. *A Liberdade* de 16 de maio d'este anno diz a tal respeito o seguinte:

«O sr. Teixeira de Souza um dos maiores adeantadores do reino — o homem sobre quem pezam graves accusações publicas, nunca desmentidas;—o governador do Banco Ultramarino, cujo contracto tem de ser renovado a breve praso; o ministro da marinha que creou no ultramar aquella famosa praga de vorazes parasitas conhecidos pelos *alijós;* o sr. Teixeira de Souza ligado ao caso Hinton, pelos decretos de 1903,—o sr. Teixeira de Souza, o homem das illegaes e escandalosas accusações;— o sr. Teixeira de Souza, chefe d'um bando avido e faminto, que prometteu banquetear-se lautamente á custa do exhaurido thezouro:—o sr. Teixeira de Souza, subordinado ao commando de Affonso Costa, o preso das dependencias da *firma dos quatro;* — o sr. Teixeira de Souza das aguas de Vidago;— o sr. Teixeira de Souza, o austero chefe dos esbirros da Companhia dos Tabacos; — o sr. Teixeira de Souza, o corretor da candidatura do Conde de Burnay; — o sr. Teixeira de Souza, a mais estupenda personalisação de todos os vicios, de todos os erros, de todas as aberrações, de todas as degenerencias e deformidades e que foram a essencia do rotativismo; — elle o rotativista por excellencia, em tudo quanto n'esse regimen ha de execrando e abominavel;—o sr. Teixeira de Souza chefe d'uma situação politica? Por Deus pensem, bem! Então já chegámos a tal situação que isto possa suppor-se viavel?

Que tal ideia seja posta absolutamente de lado. Pode considerar-se uma outra solução Beirão;—uma solução Dias Costa, uma solução Vilhena, uma solução Antonio d'Azevedo. A solução Teixeira de Souza, francamente é a peior. Esta é a verdade. Sobretudo porque elle anda ahi a dizer que reclama o poder, — *que o poder lhe pertence, que tem direito a elle.* — Direito ao poder,—vejam a suprema audacia. Isto é inverosimil, simplesmente inverosimil, ouçam bem; para nós uma tal situação será a *ultima étape* d'esta marcha para o abysmo. Não se pode bem calcular o que será ámanhã o poder do Estado nas mãos d'um tal homem. Vejam bem.»

Era assim que em 16 de maio ultimo, fallava um dos jornaes mais sérios do paiz, inspirado por um dos homens mais ponderados da nossa politica, o sr. conselheiro Jacintho Candido. Nenhum d'estes avisos serviu. Aos conselhos das pessoas mais graves cerrou el-rei os ouvidos, deixando-se mover unicamente pelas intrigas masculinas e femininas. Se V. Magestade podesse ouvir os commentarios que se fazem de que estas linhas são apenas um pallido reflexo, fugia horrorisado, triste e, certamente as lagrimas lhe assomariam aos olhos, porque perdeu n'um instante as sympathias que tinha adquirido. Fique-se V. Magestade com o seu dilecto Teixeira de Souza, mas ha de ver afastar de si todos os homens de bem, que teem apoiado fervorosamente a monarchia. Para a irrisão ser completa até entrou no ministerio José d'Azevedo que Hintze, com todas as suas facilidades nunca conseguiu fazer ministro, porque seu pae, meu Senhor, nunca, nunca consentiu, não obstante mais d'uma vez ser para isso abordado. Teixeira de Souza e José d'Azevedo são ambos dignos um do outro; ambos alentados de corpo, ambos brutamontes, ambos dignos, ambos honrados, ambos muito escrupulosos, e até ambos transmontanos!

E' uma parelha a toda a altura que dá lustre a um ministerio, a uma patria e a um rei. Verá, meu Senhor, as consequencias da linda obra que o levaram a praticar. Se as influencias femininas soubessem o mal que lhe fizeram e fizeram a si proprias, os commentarios que se fazem em todos os pontos de reunião, haviam de chorar lagrimas de sangue e cobrir a cara de vergonha, se por ventura ainda ha vergonha, em caras que parecem estanhadas. Fizeram-na bonita essas influencias femininas que trabalharam n'esta linda obra. Pensam que a consciencia publica tolera calada esta affronta nacional? Puro engano.

* * *

Não imaginem que me incommoda a queda do governo, que teve a sorte que merecia, porque foi pusilamine e mais do que isso. Foi cobarde e cobardes não servem para governar povos. Mas tambem não devia ser chamado Teixeira de Souza, pois se covardes não servem para governar povos, muito menos servem os corruptos, os devassos, os bandidos, os incendiarios e os ladrões. Todos, todos serviam menos o chefe dos incendiarios, e o maior dos adiantadores ao rei D. Carlos e aos seus amigos.

* * *

Hontem, ao apresentar-se o Teixeira de Souza no seu ministerio, muito ancho, muito radiante, muito flamante, muito rubicundo, era esperado por uma grande turba de famintos que vieram de todos os pontos, saudar aquelle que diz « que só quer subir para servir os seus amigos.» Muitos se admiraram de ver tanta gente, risonha, contente, feliz, radiante, que palmeou o grande homem.

Ouvimos dizer em resposta aos que se admiravam de tão magna recepção: os bandidos, os crapulosos, os ladrões, os assassinos, os incendiarios, os leprosos d'alma e do corpo, são em maior numero do que os homens de bem, não admiro por tanto que de todos os pontos do paiz accorressem ás arcadas a saudar e felicitar o seu chefe. Está na logica!

Temos d'aqui por diante infinito assumpto com que deliciar os leitores do *grande*, do *moralisador Povo de Aveiro.*

A. P.

Provincias

Alcabideche

O assumpto é o Trabuca. Valente Trabuca! Não se descreve o successo de gargalhada nos Estoris, em Cascaes, aqui, em Cintra, por toda a parte, que despertou a *linda* carta do sr Trabuca. Pedimos ao sr. Director de Instrucção Publica que mande inserir aquelle naco de prosa *classica*, com a respectiva orthographia e pontuação n'uma selecta das escolas, para instrucção dos rapazes. E é *aquillo*, aquella miseria, tudo quanto tem produzido, a grande Repulha de Alcabideche!

Vejam todos o que é a cambada vermelha por esse paiz fóra!

Vejam o que valem esses doutores de tripeça, que com a mão ennodoada de pez trocam a sovela pela penna de jornalista, para *deffender* (riam-se) a Republica. Que safardanas Que estupidos! Que grandes bestas não são os ledores do *Immundo* por esse paiz fóra!

Se até aqui ha um, *sem gravata*, que assigna a tal *papeleta*, sem conhecer uma lettra! Mas viu a Republica na nova moeda commemorativa do Marquez de Pombal! Isto só na capitalal da Extremadura! Berr!!!

Que até fedem!

Thalassa II

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismido Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59, João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.o 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO - Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho —Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves** —Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade, **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Estoril** — Alfredo Pinto. **Villa Franca de Xira** — Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal** — Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam** —Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem** — Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro** — Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer — João dos Santos Pereira. **Paderne** — **Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira

Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo** — Fortunato Reinata. **Tondella** —Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Bragu** — Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa** — Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello — No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos. **Elvas** — Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã** — João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa** — Antonio Ernesto Esteves. **Fundão** — Belarmino Barata **Guarda**—José da Silvaa.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço** —Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Tavira** — Francisco Peixoto. **Alcochete** —Joaquim Valentim. **Santarem** — Vende-se nas ruas. **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja** —José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide** — Antonio Lourenço Beliz. **Villado Cano** — Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines** —A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos** — Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens. **Coimbra** —Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia** —Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria** — Jayme Monteiro. **Portalegre** —João Gervasio Coelho Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal** — Manuel Tavares. **Arronches** — Miguel Maria.

Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** (*Ceia*)—João Mendes Cabral Lages. **Escallos de Cima** (Beira Baixa) — Miguel Maria Tavares. **Lagôa**, (Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Filippe d'Abreu **Bragança**— Manuel Benito. **Funchal** — Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira** — Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis** — Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal** —Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar** — Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer** — João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe** — Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Emilio Augusto Fernandes. **Villa Nova de Famalicão**—José Ferreira Ramos. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Molta do Ribatejo** —Victorino Soeiro.

BRAZIL

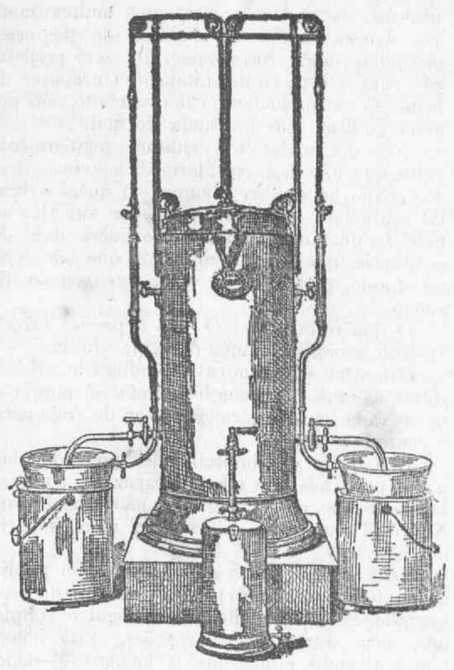
Rio de Janeiro — Manuel Botelho d'Abreu — Associação dos Empregados do Commercio — Avenida Central, 120.

Manaus—Agencia Freitas.

A. Anselmo & C.a

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.a

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA

Casa de variedades

(Unica neste genero em Portugal)

Apparelhos de prestidigitação e interessantes novidades de Paris e Berlim.

Remette-se gratis o novo catalogo illustrado com bellos desenhos.

Pedidos a J. G. Oliveira, calçada do Garcia, 28, 1.o—Lisboa.

Anneis electricos

Contra todas as doenças nervosas, rheumatismo, impotencia e dôres de cabeça.

Preços — Annel electrico simples, 200 réis; com força dupla, 300 réis.

Annel electro-magnetico em double ouro a duas correntes, 500 reis; o mesmo a tres correntes, 800 réis.

Annel electro-magnetico a tres correntes, cinzelado em double, ouro, superior, 1$000 réis.

Remette-se a quem enviar a importancia e mais 25 réis para o porte.

Pedidos a J. G. Oliveira, Calçada do Garcia, 38, 1.o—LISBOA.

Typographia a vapor

DO

Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.a, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabecimentos, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro.*

O Prestidigitador moderno

Segunda edição

Segunda edição

Augmentado com muitas sortes novas de effeito surprehendente, e com especialidade **a dança phantastica, o Espelho encantado e uma Mulher queimada viva.**

Illustrado com mais de 100 gravuras.—Preço, 300 réis.

A' venda nas principaes livrarias, kiosques e tabacarias.

Deposito geral, Casa de Variedades, de J. G. Oliveira, Calçada do Garcia, n.o 38, 1.o—**Lisboa.**

O Povo de Aveiro

Supplemento litterario

Director: **Homem Christo**

Redactor litterario: **Homem Christo, Filho**

Numero I — Anno I

Aveiro, 3 de julho de 1910

Summario

A Arte na Vida . . .	Homem Christo, Filho	O Passado, o Presente e o Futuro dePortugal	Homem Christo
Figuras de Paris . .	Homem Christo, Filho	«Cosmopolia»	—
Pierreries	Jane Catulle Mendès	Alcoolismo.	Homem Christo
Analysando.	F. M.	Vária	—
As preferencias de Modjeska	—		

A Arte na Vida

"L'homme absurde est celui qui ne change jamais.„

VICTOR HUGO

Nos caprichos mysteriosos da natureza e nas paixões desencontradas dos homens ha um impressionante contraste que fere immediatamente a vista serena d'um bom observador.

Assim existe uma differença profunda entre os montes que se erguem, uns hirtos e petrificados como agulhas de cathedral gothica, outros suaves e ondulantes embalando os homens em canticos de ternura. Nos primeiros ha a rigidez inflexivel do granito, nos segundos a maleabilidade voluptuosa das ondas.

N'uns pontos a Terra é coberta de verdura e flores e exhala perfumes de encanto; n'outros é negra e arida e tem o aroma dos cemiterios.

O mar é transparente, confundindo a sua côr com o azul claro da abobada celeste e deixa-nos vêr, na crista alva das suas ondas, cabelleiras desgrenhadas de mulheres que se balouçam voluptuosamente ardendo em desejos sensuaes. Mas amanhã ergue-se raivoso, aprocella-se, estremece de colera, as suas aguas ennegrecem e a sua espuma já não tem a alvura innocente das virgens. Investe contra as rochas e n'um delirio de morte em vão procura vencer a indifferença calma das penedias. Ferido na sua vaidade de forte não solta melancholicos ais de colosso abandonado, mas uivos roucos de fera que sahem vehementes da profundidade do seu sêr.

O ceu limpido emmoldura a paysagem acariciadora dos campos em flôr, das immensas florestas de castanheiros e carvalhos, das mattas onde sobem os esguios cyprestes em cujos troncos serpenteia a hera verde-negra. No brilho do sol ha tons de fogo que esbrazeiam o horisonte e põem canticos de amor nos labios rubros das mulheres. Mas subito tolda-se o ar e o ceu despenha-se em bategas de cinza. Descobrem-se espectros ameaçadores na phantasmagoria das nuvens, attitudes dolorosas, colloquios affrontosos. O dia sorridente de ha pouco transforma-se em trevas sem esperança. E turvam-se os semblantes dos homens e das coisas illuminados somente pela labareda das crateras.

Ouve-se nos vergeis o trinar dos rouxinoes, no ar o canto despreoccupado da andorinha, o grito alegre do gallo nos quintaes, o ciciar das folhas. Porem não tarda que as arvores contenham a respiração, os passaros joviaes cessem os seus gorgeios, os ribeiros calem o murmurio sonoro das suas aguas e se oiça apenas o sybillar agudo do vento entoando a area da morte, o cachoar das ondas, o gemer das montanhas, o piar agoirento das aves de rapina, o despenhar das torrentes, os rugidos do solo e, ao longe, as salvas funebres dos vulcões em erupção.

Depressa se substitue a voz alegre do amor pela symphonia dolorosa da tragedia.

Este contraste que nos choca nas coisas da natureza existe da mesma forma nas paixões desencontradas e nos temperamentos dos homens. E nós vemos, d'um lado, creaturas generosas e sãs, capazes de todos os sacrificios pelo bem dos outros ou pelo triumpho d'uma idéa, de braços abertos para todos os grandes emprehendimentos, com um applauso permanente para tudo quanto é justo e um perdão para todas as faltas; d'outro lado almas negras de assassinos que só encontram prazer no soffrimento alheio e cuja unica satisfação é refastelar-se em vicio, afogar-se em lama, lançando sobre a humanidade apostrophes de maldição e de morte, afogando as creaturas nas dejecções asquerosas da sua alma de bordel. Uns morrem pelo bem e pelo amor, crivados de balas homicidas, emquanto outros acabam na guilhotina ou na forca expiando crimes repellentes de horror immenso. Uns trabalham de sol a sol para ganhar amargamente o pão dos seus, emquanto outros não podem, nem mesmo á custa dos maiores esforços, gastar um terço dos seus rendimentos d'um dia.Os filhos d'uns estoiram d'indigestão emquanto os filhos dos outros estoiram de fome.

Ora no meio das luctas e das miserias que perturbam a vida dos homens, no meio das iniquidades e das traições que todos os dias observamos, no meio da intranquilidade permanente da vida moderna, cortada de incidentes inesperados e de novas surprezas, de todos os artificios e mysteriosas contradicções da civilização, não ha, para o homem superior, senão um refugio e um unico meio de sahir dos prazeres vulgares da vida quotidiana, para viver uma vida de intenso idealismo, que galvanize as suas energias e não deixe afogar ou adormecer nas baixezas da terra, na existencia utilitarista d'estes dias, no mercantilismo ignobil do presente, o fundo do superior espiritualismo que existe no intimo de toda a creatura humana, as sãs aspirações de verdade e de justiça, a ancia insoffrida de belleza e harmonia que distingue o homem dos outros animaes e lhe dá o primeiro logar na escala dos seres vivos. Sómente a Arte nos dá aquella calma dominadora que leva ao triumpho e á victoria, aquella serenidade indispensavel para olhar com grandeza e generosidade as coisas da vida, para julgar com superioridade os actos dos homens, aquella força mysteriosa que nos eleva a cumes inaccessiveis de gélida indifferença, que nos ensina a desprezar a insignificancia e nos põe nos labios um sorriso permanente de desdem, uma gargalhada ruidosa e fulminante ou uma palavra de perdão. A Arte cria-nos um ambiente especial, aperfeiçôa e desenvolve a sensibilidade, forma o caracter, fortifica o cerebro, facilita-nos a visão e dá-nos aquelle poder evocativo que é um balsamo para as nossas amarguras, uma multidão de novas e desconhecidas sensações, de prazeres não experimentados, de desejos longinquos e interminaveis que estimulam o trabalho e geram a ancia eterna de chegar mais longe, a aspiração constante de subir mais alto e alcançar um ideal nunca attingido por ser cada vez mais refinadamente perfeito, mais completo, evolucionando sem cessar para um limite invisivel, modificando-se no sentido d'um fim que não existe.

A unica forma de elevar o nivel moral e intellectual dos povos, o unico meio de conquistar uma era de felicidade e de justiça, do amor, liberdade e paz, é dar ao homem a instrucção elementar indispensavel, educar-lhe a vontade, fazê-lo sentir superiormente a vida, dar-lhe um ideal que seja o estimulo da sua existencia, mas um ideal proprio, são e consistente, fructo do seu culto enternecido da Belleza, do amor pela Verdade, do sentimento da Perfeição. Querer hoje dominar pela força as tendencias naturaes dos homens, atrazar a sua marcha para o futuro, restringir a liberdade, suffocar aspirações de egualdade e justiça é uma violencia tão grande e uma falta de senso tão absoluta, como pretender d'um só gesto realisar no mundo ideaes longinquos, embora plenos de formosura e justiça, que são incompativeis com o estado actual das sociedades e cuja perfeição os homens não podem hoje ainda comprehender, justamente porque o seu atrazo e a sua inferioridade o não permittem.

As sociedades civilisadas atravessam n'este momento uma phase de transição que tem de ser lenta para ser solida. Um avanço excessivo produziria depois fatalmente um enorme recuo, tanto mais prejudicial e tanto mais funesto quanto maior tivesse sido o salto. Não é pela força e pela violencia que se apressa a evolução dos povos, como não é pela força e pela violencia que se consegue demorá-la. Para cada nova conquista é indispensavel um profundo trabalho de preparação que a facilite e garanta a sua estabilidade. Que essa conquista corresponda a uma necessidade de cada homem, que essa necessidade seja profundamente sentida, que os meios de realisação sejam compativeis com o espirito moderno e não firam a sensibilidade nem a esthetica de ninguem, e ella será feita.

A esta conclusão teem chegado todos aquelles que olharam serenamente a historia, sem parcialidade nem espirito de facção, a esta conclusão chegámos nós, a esta conclusão chegarão todos os que, tendo um cerebro para pensar e uma alma para sentir, tenham a coragem e a independencia de affirmar sempre com sinceridade e desassombro as suas opiniões, registando a evolução por que ellas passam e as modificações que ellas soffrem de dia para dia, de hora para hora, de minuto para minuto.

Como disse esse grande philosopho que se chamou Victor Hugo e cujo nome fulgura como um sol na historia da humanidade, o homem absurdo é aquelle que não muda nunca. A experiencia, a somma cada vez maior de conhecimentos adquiridos, a observação reflectida de novos actos, o desenvolvimento progressivo da intelligencia, leva-nos a modificar constantemente as nossas opiniões, a aperfeiçoar os nossos raciocinios, descobrindo pontos de vista mais justos e tirando conclusões mais logicas. O homem que não evoluciona é aquelle que não sabe reflectir nem observar. E' o inferior que, tendo olhado a vida sob um só aspecto, não pode, não sabe vê-la sob todos os aspectos. E' o cerebro que, tendo tido uma vez um momento lucido, cessa em seguida de trabalhar e, como um relogio cuja corda se partiu, fica marcando eternamente a mesma hora. Estacionar quando tudo no universo evoluciona, é morrer. Mudar de opiniões e não o manifestar com receio das exclamações alheias ou da excommunhão odiosa da turba, é uma imperdoavel fraqueza e uma vergonhosa hypocrisia

Nós acreditámos sinceramente na possibilidade da realisação immediata de grandes ideaes. Fizemos d'elles a mais larga propaganda, divulgámo-los, desenvolvemos n'isso uma actividade espantosa e cegos de enthusiasmo tudo sacrificámos em seu beneficio. Cheio de illusões e de esperanças quando começámos, fômo-nos a pouco e pouco desilludindo pela evidencia das coisas e as esperanças generosas d'outr'ora foram-se desvanecendo como brumas distantes. Deante de nós desmoronava-se, de dia para dia, o edificio phantastico que a nossa imaginação construira n'um ambiente falso, e hoje pouco mais nos resta que um monte de tristes ruinas e a recordação saudosa d'um passado ingenuo.

Infelizmente, o homem está ainda muito distante da perfeição e só a educação e a Arte, completando-se mutuamente, poderão elevá-lo e engrandecê-lo, apressando a sua marcha para o Futuro e redimindo-o dos crimes do Passado.

A Arte, suprema creação dos homens, é a amante deliciosa que nos embala e nos acaricia com ternura. A mulher ideal que não nos atraiçôa jámais e nos estende sempre os braços generosos quando, acossados pelas tempestades da existencia, lhe pedimos o auxilio protector. Companheira eterna dos sonhadores e dos poetas, minha amiga e minha amante, junto de ti me refugiei e o teu beijo me fez grande.

Homem Christo, Filho.

Figuras de Paris

JANE CATULLE MENDÈS, auctora das criticas dramaticas de «FEMINA», conferente notabilissima, presidente d'honra da Sociedade «Unes Internationales», poetisa das mais eminentes. *Les Charmes* e *Le Cœur Magnifique* são as suas obras mais notaveis.

Salão de sonho, pleno de voluptuosidade e de mysterio. Sombras de nymphas deslisando pelas paredes em requebros phantasticos de sensualidade. Uma luz ténue coada por nuvens de gaze vermelho, que põe tons de carmim nos labios dos quadros espalhados pela sala, torna mais mysterioso ainda e mais attractivo aquelle recanto perfumado e silencioso, perdido no extremo do Boulevard Malesherbes. Sobre o fogão de marmore negro, a Estatua da Belleza, reflectindo-se nos espelhos em reverberos de fogo, causa a confusão enorme de multiplas imagens reproduzidas no mesmo espaço. Na parede fronteira um desenho maravilhoso representando a poetisa, cheio de alma e de vida, revela o talento d'um grande mestre e a belleza deslumbrante d'uma mulher. N'um armario de crystaes, modelo de arte e de graça, accumulam-se immensos bibelots de todos os generos e caracteristicos de todos os paizes, pittorescamente distribuidos nas prateleiras assymetricas. O retrato de Primice, suspenso d'um cordão prateado, dá ao salão a alegria despreoccupada da infancia. E' uma linda cabeça, coberta de anneis de oiro e chamma, que emmolduram artisticamente um rosto suave de creança. Nos seus labios rul·ros como um cravo flamante, brinca um sorriso de innocencia esplendida e no seu olhar purissimo a bondade ingenua dos corações infantis. Primice, fructo delicado e viçoso dos amores de M.me Catulle Mendès, recorda-nos immediatamente os versos sublimes, cheios de expontaneidade, de vigor e de suavissima delicadeza em que ella se mostra profundamente penetrada d'esse sentimento que engrandece e dignifica a mulher — o amor de mãe.

Distribuidos ao acaso, «fauteuils» de formas e estofos originaes, e a um canto, cerca da janella, um divan em seda escura incrustada de pedras raras que resplandecem fulgurantemente na meia luz da sala. Recostada nas macias e brandas almofadas, o collo e os hombros marmoreos descobertos, a cabeça cercada d'uma facha sinuosa de cabellos negrissimos, dos quaes brota, viçosa e arrogante, uma rosa vermelha; os olhos em extase, profundos e impenetraveis como os templos e as florestas; as sobrancelhas de azeviche, traçadas em arco, as pestanas longas e recurvadas a proteger cuidadosamente de olhares audaciosos ou da impiedade do sol as suas pupilas delicadas; os labios, duas petalas recortadas de papoila a ondular em estremecimentos nervosos de idealismo cheio de sensualidade e de sensualidade cheia de immenso idealismo, recostada nas macias e brandas almofadas, o collo e os hombros eburneos descobertos, vê-se Jane Catulle Mendès, gloria da joven pleiade de poetisas que tem renovado o aspecto antigo da poetisa, alma de eleita, coração amantissimo de mulher, temperamento priveligiado de sonhadora e de artista. Nos seus salões respira-se o ar perfumado de odores do Oriente, a embriaguez dulcissima do espirito embalado pelas caricias d'uma Arte pagã, na sua figura esculptural o encanto da esthetica, a revivescencia das bellezas do passado levantando-se, orgulhosa, branca e nostalgica patricia.

Desde que os seus primeiros versos appareceram na «Revue Blanche» com o nome de Claire Sidou, sua assignatura d'outr'ora, que o brilho da sua arte foi sentido e se comprehendeu o caracter intimo e novo do seu canto que é a leveza espirituosa, a expontaneidade e a graça longinqua e distante, alliadas a uma influencia immediata e decisiva sobre o leitor. A sua alma manifesta-se inteira nos seus versos e em vez de continuar as guitarras desoladas e plangentes do amor desconhecido, ella alargou o dominio da sua arte, invadiu os campos e os jardins, lançou gritos communicativos de alegria e traduziu, emfim, toda a belleza que observou na natureza e nos seus espelhos. Fez florir um novo sonho. E os poetas que se lamentavam de se dirigir sem cessar a uma Isis velada e silenciosa, viram Galatheia animar-se tornando-se eloquente e viçosa. Isis vem passar resplandecente sob as suas janellas, coberta de grinaldas das rosas purpuras do amor e de folhas verdes como esperanças eternas. M.me Catulle Mendès produziu a grande renovação da moderna poesia feminina e é hoje uma das mais lidimas glorias da poesia immortal.

As musas abrem, em bellos gestos brancos, o atrio de marmore do seu templo e as suas mãos estendem-se para recolher os thesouros que ella lhes offerece. Hoje floresce os seus altares das mais bellas flores, amanhã d'outras ainda mais formosas, pois de dia para dia o seu talento se affirma mais penetrante e mais amplo.

Homem Christo, Filho

—*—

Reproduzimos em seguida o soneto *Pierreries* publicado por M.me Jane Catule Mendès a paginas 139 do seu bello livro *Le Cœur Magnifique*. Assim permittimos aos leitores portuguezes que não conheçam profundamente as litteraturas estrangeiras e tenham desejo de as conhecer, que avaliem, pela leitura directa d'alguns trechos dos auctores a que nos formos referindo, da justiça dos nossos juizos criticos.

Pierreries

Au jade, à la turquoise, aux nuancés lapis,
A l'émeraude, à l'hyacinthe, à la topaze,
Aux béryls, au plus bleu diamant du Caucase,
Aux opales en pleurs sous leur voile d'Isis,

Aux rubis faits avec le sang clair d'Adonis,
A l'œil de l'escarboucle ou de la chrysoprase
Dont sont ornés les dieux de silence et d'extase,
A la perle marine égale aux fleurs de lys,

A l'or tors ouvragé par la main d'un artiste
Pour enchâsser la sardonyx ou l'améthiste,
Même à l'eau du saphir préconisant l'amour,

Je préfère, décolorés de mille sortes,
Suspendus à mes doigts et transpercés de jour,
Les colliers anciens qui plurent à des mortes.

Analysando

"ITALIA COROADA DE ROSAS„
por Justino de Montalvão.

H. Garnier, livreiro-Editor.
109, Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO
6, Rue des Saints-Pères, 6
PARIS

"Italia Coroada de Rosas„ assim se intitula o novo livro de Justino de Montalvão. O maravilhoso auctor dos **Destinos** e da **Poeira de Paris** é hoje, incontestavelmente, um dos mais illustres, senão o mais brilhante dos escriptores portuguezes contemporaneos. A sua prosa, cheia de vida e de harmonia, é uma scintillação perenne de belleza. Dos biccos da sua penna sahem lagrimas de transparencia crystalina, gargalhadas de sonoridade mysteriosa que gelam almas impuras, rasgam corações empedernidos, galvanisam temperamentos estagnados e nos arrastam por vezes a convulsões de tragica agonia. Em cada phrase ha um pensamento, em cada palavra uma balbuciação de formosura. O equilibrio da forma e a unidade da idéa, o eterno desejo de chegar mais longe, o descontentamento do que está feito e a aspiração de fazer melhor, a subtilidade da imagem, a expontaneidade e a leveza fazem dos seus trabalhos obras primas de inexcedivel encanto.

Perola que irradia bondade, diamante raro que fulgura talento, Justino de Montalvão é hoje querido e admirado em Paris com calor e por vezes com extase. A sua arte é limpida e magestosa, altiva e acariciadora. A sua alma vive na sua prosa, toma forma e azas, vôa sobre nós deixando-nos ora embriagados e adormecidos no rytmo cadenciado da sua musica, ora excitados e fortes, anciosos de novas sensações, plenos de insaciaveis desejos.

Atravessou a Italia, viveu lá algum tempo, escutou as palpitações anceadas da deliciosa amante, viveu as suas alegrias, soffreu as suas dores, recolheu as suas queixas e transmittiu-no-las acrescentadas das suas visões magnificas, com o poder enorme de evocação que fez d'**Os Destinos** um poema delicioso e faz da **"Italia Coroada de Rosas„** um livro admiravel de sensualidade e de sonho.

Oxalá que o musico sublime, o pintor adoravel, nos faculte com futuras obras os momentos de prazer infinito, de enlevo e de embriaguez agradabilissima que nos proporcionou o seu ultimo trabalho.

F. M.

No proximo numero: «ALEXANDRE HERCULANO», por Agostinho Fortes.

As preferencias de Modjeska

A grande Modjeska tem despertado ultimamente na America o maior enthusiamo e colhido verdadeiros triumphos. Chegára pois a vez á actriz polaca de publicar as fataes *Memorias*. N'essas *Memorias* aprecia os artistas que tem visto em tournée nos Estados Unidos, sendo para com todos d'uma grande benevolencia, mas sem comtudo occultar de nenhuma forma as suas preferencias.

Para Modjeska o maior artista contemporaneo é Salvini, o grande actor Salvini. A celebre actriz polaca não devia fazer critica de theatro para não diminuir o seu valor nem comprometter a sua gloria. Mas não podemos recusar-lhe esse direito, na certeza porem de que Modjeska se veria em graves difficuldades para nos mostrar que, ao lado de Zaconni, Salvini não é um artista de inferiores recursos. Salivini tem talento, ao passo que Zaconni tem genio. Eis a differença.

O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal

I

Ha mez e meio, ou dois mezes, recebi pelo correio um numero da revista franceza *La Science Sociale,* dedicado, todo elle, ao nosso paiz. (1) E vi, com prazer, que o sr. Poinsard, que nunca leu, sem duvida, o *Povo de Aveiro,* nem d'elle tem noticia — é quasi certo — d'uma forma scientifica e methodica expõe muitas vezes a questão portugueza n'uma notavel harmonia de pontos de vista com o que, por assim dizer empiricamente, tantas vezes tenho dicto n'este jornal.

Para o sr. Poinsard, o grande factor social é a educação, mais ainda do que a raça. *La formation sociale dépend avant tout, nous l'avons déjà remarqué, de l'éducation, et non d'un phénomène physique, transmissible avec le sang.*

A educação, porem, tem de ser uma obra continuada, persistente, acção de seculos, e só assim se forma um typo determinado. Ora como se orientou ella, sob a pressão dos acontecimentos historicos, em Portugal?

Poinsard começa por estudar os povos primitivos, e estabelece como provavel a existencia simultanea de duas raças agricolas, uma ao norte e outra ao sul da Lusitania. Uma, a do norte, d'esse povo *um tanto mysterioso* a que os historiadores latinos chamam Ligures. Outra, a do sul, d'Iberos, sahindo do oriente como os Ligures, mas tendo seguido o caminho do norte d'Africa, que colonisaram pela cultura. Do encontro d'estas duas raças, da sua fusão, fusão que se fez por conquista, ou por mistura resultante de penetração pacifica, derivou uma raça mixta, intermedia, á qual seriam talvez devidos os monumentos grosseiros attribuidos aos Celtas, esses monumentos de notavel grandeza, conhecidos pelo nome de pedras megalithicas.

Uma circumstancia importante, segundo Poinsard, favoreceu o desenvolvimento precoce da civilisação na Peninsula, e, sobretudo, na Lusitania. Foi a riqueza do solo em metaes e em madeira. O bronze era, então, no mundo conhecido, o metal mais usado. E nós tinhamos todos os elementos precisos para a fabricação do bronze. Tudo leva a crer que este facto foi conhecido dos povos orientaes, que vieram aqui estabelecer: na orla maritima, centros commerciaes, e no interior, centros industriaes. Consequentemente, veio o grande commercio e surgiram cidades importantes, das quaes subsistem ainda vestigios.

Qual foi a influencia d'essa emigração commercial, alternativamente phenicia, carthagineza e grega? Muito grande, sob este ponto de vista: trouxe novos elementos de riqueza e o requinte da vida urbana. Mas não mudou o typo social. E pelo mais simples dos motivos: porque os negociantes e artistas orientaes tinham um caracter analogo ao dos povos peninsulares, e faltava-lhes, por conseguinte, o poder de transformar as populações indigenas modificando-lhes os costumes familiares. O mesmo succedeu com os Celtas, cuja invasão abrupta, sob a forma guerreira e dominadora, se impoz á população rural, sujeitando-a a uma verdadeira escravidão, mas sem alterar em coisa alguma a essencia dos costumes.

Com a conquista romana appareceu um outro systema. Os latinos não eram só commerciantes e guerreiros. Eram tambem agricultores e industriaes. Achando aqui um bello e rico paiz, em parte devastado por longas guerras, colonisaram-no e repovoaram-no, executando admiraveis trabalhos d'arte para conduzir e distribuir as aguas, convertendo em terrenos araveis as florestas, desenvolvendo as culturas e a creação de gado, reconstruindo cidades e edificando outras novas. N'uma palavra, retomaram a tradicção laboriosa dos povos agricolas primitivos, mas desenvolvendo-a, dando-lhe a largueza correspondente a uma civilisação adeantada, a uma formação mais progressiva e mais activa. Os romanos realisaram o typo social mais perfeito, o mais activo da antiguidade, poderoso, e poderoso não pela força militar mas por uma organisação superior do trabalho. Em Portugal, especialmente, um estudo, por mais superficial, dos factos, mostra logo que a colonisação latina foi aquella que, na antiguidade, soube melhor e mais largamente aproveitar os recursos proprios da Lusitania, tanto sob o ponto de vista industrial como sob o ponto de vista agricola. Ainda hoje se encontram signaes evidentes de uma exploração mineira e d'uma industria fabril que impõem admiração pela perfeição dos processos e dos resultados.

Desgraçadamente, a nação romana alargou-se muito depressa e muito ao longe, dispersou-se, por assim dizer afogou-se nas massas dos communitarios que a cercavam de todos os lados. A infiltração d'este typo, dominado pelo espirito de rotina e d'auctoridade, trouxe a pouco e pouco o triumpho do despotismo imperial. O immenso imperio latino tornou-se uma verdadeira communidade do Estado, explorada pelo imposto em interesse da côrte, isto é, de Roma inteira, do exercito e da administração. Esse communismo politico foi causa d'uma corrupção e d'um enfraquecimento inevitaveis, seguidos d'uma deslocação não menos fatal. Nunca a historia registou maior e mais eloquente licção, que ninguem desconheceu tão profundamente como os povos que receberam a herança do imperio latino.

Poinsard fala em seguida da invasão germanica, que se succedeu á fallencia da gloriosa civilisação romana.

Os Germanos, pelos costumes muito parecidos com os Celtas, isto é, caçadores e guerreiros, violentos e indisciplinados, não poderam organisar, por si proprios, d'uma maneira forte e duradoura, quer as instituições da vida privada quer as instituições da vida publica. *Limitaram-se a deitar-se no leito ainda quente da decadencia romana*, e cegamente a continuaram, de modo a cahirem em poucos annos na anarchia e na desordem. N'esse estado os encontraram os mouros, fortemente disciplinados quer pela tradicção social, quer pelo fanatismo religioso.

Os mouros, mistura d'arabes e de berberes, não constituiam um typo uniforme, a despeito da sua formação analoga. Pertenciam todos ao typo polido pela communidade de bens e pelo regimen patriarchal. Mas, ao passo que os berberes eram essencialmente cultivadores, os arabes eram commerciantes.

Foram aquelles que se fixaram solidamente na Lusitania, creando aqui uma agricultura muito prospera. Os arabes retomaram a sua vida de caravaneiros e marinheiros. Rivalisando com os gregos de Bysancio e com os italianos, combatiam-nos por necessidade para afastar a concorrencia. Graças ás suas relações faceis com os seus irmãos do Levante, serviam de traço d'união entre o Extremo Oriente e o Occidente. Accumularam riquezas, crearam cidades populosas e brilhantes, desenvolveram uma civilisação requintada. Mas a formacão communitaria apresenta esta particularidade caracteristica: não sabe resistir á prosperidade. O trabalho activo, o progresso da riqueza, modificam-na primeiro, desorganisam-na rapidamente, depois. Os mouros, que tinham tido influencia bastante para dominar o paiz, para restabelecer a exploração regular e assimilar as populações christãs, felizes por encontrarem um regimen de trabalho pacifico, não tardaram a cahir na desorganisação. As pessoas sahidas da communidade apresentam esta grande inferioridade: falta-lhes ao mesmo tempo, em regra, a iniciativa e a disciplina voluntaria. Dedicam-se de preferencia á exploração dos outros por meio do poder publico e d'ahi nascem as rivalidades e os conflictos entre os governantes. Foi assim que o imperio arabe se viu em breve dividido em estados distinctos que, em logar de se federarem e de se ajudarem mutuamente, só pensaram em combater-se e expoliar-se uns aos outros. E outra vez recahiu a Lusitania na decomposição e na anarchia, pelo triumpho da politica e da centralisação administrativa sobre o trabalho productivo e util.

D'este modo continua Poinsard, demonstrando, como veremos, que esse foi e é o estado de Portugal, sempre em estado d'anarchia, sempre explorado por oligarchias, sempre victima de quadrilhas politicas, que nunca permittiram o trabalho regular pelas iniciativas individuaes e a autonomia local, e, portanto, a formação do caracter portuguez.

A justificação plena, e a explicação historica e scientifica da campanha sustentada constantemente pelo *Povo de Aveiro.*

E' um estudo interessante e muito util.

Homem Christo

(1) *Le Portugal Inconnu. Paysans, marins et mineurs*, par Léon Poinsard.

"Cosmopolia,,

Revista illustrada de litteratura internacional apparecendo mensalmente em Paris.

Redactor em chefe: HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo: — *Faubourg Poissonière, 111. PARIS.*

Com o concurso e collaboração effectiva dos maiores escriptores do mundo e sob a direcção artistica d'um dos mais conhecidos desenhistas parisienses, vae começar a publicar-se uma grande revista que tem por fim vulgarisar em França as litteraturas extrangeiras e realisar o cambio litterario e artistico entre os diversos paizes onde existe uma arte e uma litteratura. O vastissimo plano d'esta publicação, intitulada «**Cosmopolia**», despertou em França, logo que foi conhecido, o mais extraordinario interesse, associando-se expontaneamente a elle e offerecendo o seu concurso, quasi todas as auctoridades litterarias e artisticas da grande capital. Igualmente na Italia, na Hespanha, na Austria, na Allemanha e em Londres d'onde acaba de chegar o sr. Homem Chrisio, Filho, que ali fôra exclusivamente montar os escriptorios filiaes de «**Cosmopolia**», esta iniciativa

foi acolhida com o maior enthusiasmo e a mais carinhosa dedicação. Cada numero de «**Cosmopolia**» terá uma parte dedicada especialmente ao movimento litterario d'um determinado paiz, e outra parte sobre o movimento litterario internacional. Em cada numero será tambem publicada uma novella completa de um auctor extrangeiro, ou inédita, ou ainda não traduzida em francez, acompanhada do retrato do auctor e d'um esboço biographico que depois será desenvolvido e publicado separadamente. Profusamente illustrada pelos mais illustres desenhistas da Europa e da America e obedecendo toda a parte material a um elevado criterio artistico, «**Cosmopolia**» será uma publicação modelar sob todos os pontos de vista e prestará relevantissimos serviços á litteratura e arte contemporaneas.

Dadas as proporções collossaes que teem attingido os pedidos para o 1.º numero feitos do Brazil, da Inglaterra, da Italia, da Hespanha, e de França, a Administração de «**Cosmopolia**» vê-se forçada, para regular a tiragem do 1.º numero, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtê-lo. Assim, todas as pessoas que quizerem ser assignantes de «**Cosmopolia**» desde o 1.º numero, inclusivé, devem enviar os pedidos de assignatura, devidamente datados e assignados, até 1 de agosto proximo, á Administração, Rue Faubourg Poissonière, 111, Paris, ou, para simplificar o seu trabalho, á Redacção d'**O Povo de Aveiro**, Aveiro.

ALCOOLISMO

A questão do alcoolismo é uma questão grave, que justamente preoccupa os philantropos, os pensadores, os estadistas em todas as nações civilisadas e progressivas das cinco partes do mundo. Em Portugal não está elle fazendo menos estragos do que em qualquer outro paiz. Comtudo, não se toma nenhuma medida contra esse mal terrivel, nem se faz contra elle propaganda alguma.

E' uma coisa extraordinaria, — que chega, pela inconsciencia que revela, a causar assombro, — o abandono a que a imprensa portugueza vota as questões d'importancia decisiva para a vida d'este povo. Lá se reune um ou outro congresso, mais, muito mais, por espirito de snobismo, ou ostentação, que pelo desejo sincero de bem servir a causa publica. Um ou outro homem apparece, de bom criterio, ou de sãs aspirações, a tratar questões de magnitude n'esses congressos. A imprensa faz ao caso as referencias que comporta a simples reportagem jornalistica. D'ahi não sahe. Fá-lo em termos tão simples que não dá nenhuma noção clara do assumpto. E, encerrado o congresso, morreram n'essa nova muralha da China, que se chama a imprensa portugueza, muralha da China relativamente a todas as questões sociaes ou de principios, os echos das poucas vozes honradas que se ergueram a clamar nas salas dos congressos.

Dizer, theoricamente, ou scientificamente, as consequencias physicas, moraes, intellectuaes e sociaes do abuso do alcool, é já uma redundancia. Todo o mundo as sabe. Dizer, praticamente, quanto elle tem profundado na raça portugueza, tambem é inutil. Pode ignora-lo um ou outro d'aquelles que não teem relações directas ou indirectas com as multidões. Quem vive, porem, com o povo, vê a toda a hora quanto se tem alastrado e quantas consequencias funestas vem produzindo o mal terrivel.

Varios são os remedios a empregar contra essa doença social, pelo espectaculo que offerece á vista e pelas suas consequencias a mais pavorosa das doenças sociaes até hoje conhecidas. Mas o mais importante, o mais efficaz, e, juntamente, o mais facil de todos, é a propaganda falada e escripta.

Teem sido, precisamente, os partidos operarios, certamente por reconhecerem por experiencia e exame diario os resultados perniciosos da doença sobre as classes proletarias, os que mais teem combatido e os que melhor campanha teem organisado contra o alcoolismo. O partido socialista allemão não foi o primeiro a entrar em campo em prol dos bons principios. No congresso social-democrata, reunido no Hanover em 1879, tentou-se o debate pela primeira vez. Mas com insuccesso ruidoso. Bebel — téem d'estes dislates os mais altos espiritos — classificou o caso . . . de ninharia.

Assim decorreram muitos annos.

Em 1904, porem, o congresso de Breme votava esta moção:

Considerando os damnos immensos que causa á classe operaria o alcool, um dos maiores obstaculos á realisação do nosso programma, o congresso considera **absolutamente necessario** combater os abusos do alcool na classe trabalhadora. Convida, por isso, todos os membros do partido e todos os jornaes a chamar insistentemente para os perigos do alcool a attenção dos trabalhadores.

Como os congressos, na Allemanha, e em todos os paizes fortes e pensadores, não são feitos expressamente para paradas d'erudição e verborreia, essa moção encontrou na pratica uma execução esplendida. Assim, a *Liga dos operarios abstinentes*, constituida pela mesma occasião, fez distribuir, n'um periodo de quatro annos e meio, um milhão de prospectos e cem mil exemplares de dezeseis brochuras differentes. E formulou este programma:

1.º Explicar os damnos que o alcool causa á saude, á vida moral e social.

2.º Fazer propaganda pelo exemplo, abstendo-se de todas as especies de bebidas alcoolicas (agua-ardente, vinho, cidra, vinho de peras e cerveja).

3.º Combater energicamente os negociantes d'alcool.

No congresso social-democrata reunido em Essen, em 1907, foi resolvido reclamar a intervenção do Estado, para que prohibisse, alem d'outras medidas, aos empreiteiros e patrões que fornecessem, de qualquer forma e fosse a que titulo fosse, bebidas alcoolicas aos seus operarios. Ao mesmo tempo votava-se esta recommendação:

Pede-se a todas as organisações operarias que evitem o uso do alcool nas suas reuniões. Egualmente se pede a maior vigilancia sobre as creanças de forma a que ellas se abstenham **totalmente** de toda e qualquer bebida alcoolica.

O movimento segue no crescendo que é de calcular em povos da força disciplinora e pensante da Allemanha, sendo de esperar que a classe trabalhadora d'aquelle grande paiz em breve se liberte *inteiramente* do jugo do alcool.

Na Inglaterra, alem de muitos outros meios de combate de que havemos de tratar, resolveu-se preparar as novas gerações para a emancipação do alcool. Para esse fim, determinou o ministerio da instrucção publica que nos programmas das escolas fosse incluido um ensino especial consagrado ás questões do alcoolismo e da temperança. Um manual conciso, redigido sobre numerosos casos d'observação, permitte aos mestres uma exposição resumida, mas methodica e clara do assumpto.

O ensino é ministrado nas classes inferiores, medias e superiores. N'estas, mais profundo, baseia-se sobre estes pontos:

1.º Perda de dinheiro e, consequentemente, diminuição dos recursos necessarios para necessidades mais importantes.

2.º Inaptidão para o trabalho. Perda de situação. Miseria material.

3.º Perda do amor ou estima de si proprio.

4.º Embrutecimento moral e crime.

5.º Doença e loucura.

6.º Ruina da familia. Desgraça da mulher e dos filhos.

Como elementos de subsidio, são fornecidos aos alumnos inqueritos e estatisticas de caracter official, afim de verem praticamente, pelo exemplo da marinha de guerra e outros, a terrivel mortalidade e as terriveis doenças que derivam do uso e do abuso do alcool e quanto a sua abstinencia concorre para augmentar as forças physicas e as forças intellectuaes.

Assim espera a Inglaterra ter em breves annos preparadas as gerações para a extincção do mal social do alcoolismo.

E' a propaganda, vê-se, a primeira arma de combate empregada, ahi como em tudo, por esses povos de caracter tão pratico e tão culto. Em Portugal, não ha a menor propaganda contra o alcoolismo, como a não ha sobre nenhuma das grandes questões vitaes de raça ou paiz. E quando a ha, limita-se a um *snobismo* pelintra. Contou-nos um amigo, que tendo uma vez assistido a uma sessão contra o uso do tabaco, viu, com pasmo, de charuto na bocca o cidadão que presidia! «Como conheço, accrescentou, *propagandistas* contra o alcoolismo que são bebedos incorrigiveis!»

A nossa propaganda, quando existe, é . . . assim! Mas veremos em artigos subsequentes o muito que falta dizer sobre a questão, e o muito que se tem feito em outros paizes progressivos e cultos, e ainda na propria Allemanha e na propria Inglaterra.

Já que começámos, não largaremos mão do assumpto sem o deixar *exgotado*, como é nosso costume.

Homem Christo.

VÁRIA

Os que partem

Ultimamente teem deixado o mundo, definitivamente, ao que parece, e provavelmente por se darem mal, algumas notaveis personalidades das lettras e artes contemporaneas. Assim, n'um curto espaço de tempo, vimos partir tres mulheres que representavam, honrosissimamente, o sexo fraco, e desempenhavam um glorioso papel no movimento intellectual. Morreram Pauline Viardot, Elise Oreszko e Vittoria Aganoor.

Pauline Viardot, irmã da celebre Malibran, e talvez a maior amiga do grande romancista russo Ivan Tourguenef, sobre um livrete do qual compoz o *Ogre*, era não só uma extraordinaria cantora, possuindo uma das bellas vozes conhecidas, como uma pintora de raro mérito e em todos os ramos da arte uma personagem distinctissima. Conhecendo profundamente muitas linguas e muitas litteraturas, celebre na musica e na pintura e dotada d'uma assombrosa cultura artistica e litteraria, conseguiu que, durante trinta annos, os seus salões estivessem sempre cheios de todos os nomes notaveis quer nas lettras, quer nas artes. Na sua brilhantissima carreira de cantora por trez vezes lhe foram confiadas pelos seus auctores peças da maior responsabilidade, e a pedido de Meyerber ella interpretou Fidès, do *Propheta*, *Sapho* que lhe confiou Gounod e *Orphée* de Gluck, a pedido de Berlioz.

M.me Elise Orestro, escriptora polaca, deixa um logar insubstituivel na litteratura do seu paiz, pelo caracter original e avançado das suas obras e pela sua prodigiosa actividade litteraria. Escreveu mais de quarenta volumes, dos quaes alguns notabilissimos, e alem de ser adorada nas lettras Elise Oreszko era considerada um grande coração, cheio de bondade e aberto a todos os sentimentos generosos.

A obra mais notavel de Vittoria Aganoor é a *Leggenda Eterna* onde se encontram formosissimos boccados da poesia italiana contemporanea. Dotada d'uma imaginação fecundissima e d'um forte temperamento de sonhadora, inspirada pela natureza e por bellos ideaes, a amorosa artista e patriota apaixonada Vittoria Aganoor foi ao mesmo tempo uma grande poetisa.

Homenagem á memoria de Pauline Viardot, Elise Oreszko e Vittoria Aganoor.

A' porfia

Segundo a informação d'uma conhecida revista franceza publicaram-se em Inglaterra, no anno de 1909, 10.725 volumes novos; na America do Norte, que bateu a sua velha rival, 10.901 volumes; na França 11.000 e na Allemanha, que ganhou o primeiro premio, mais de 12.000.

Talvez que na tribu dos Sobbas, cujo rei e nosso prezado amigo, acaba de nos enviar uma longa carta onde nos diz que ali se não publicou obra nenhuma, os homens sejam muito mais felizes!

A Universidade de Paris

Ha mezes, um dos mais illustres professores d'uma Universidade dos Estados Unidos da America do Norte, e jornalista dos mais distinctos, depois de ter corrido e estudado cuidadosamente as mais importantes universidades do mundo escrevia, na *Revue Internationale de l'Enseignement*, que a Universidade de Paris é a mais perfeita quer nos methodos, quer nos programmas, quer nos professores, de todas as Universidades do mundo. Ha menos tempo, Theodoro Rooswelt, encontrando-se em Paris com o redactor litterario d'este jornal dizia-lhe, nos termos mais calorosos, que a Sorbonne é uma universidade modelar, sem rival em nenhum outro paiz, e que os progressos n'ella introduzidos são cada vez mais importantes e mais rapidos de forma que, como nenhuma outra, está ao corrente do movimento intellectual e do movimento pedagogico e, como nenhuma outra, reune todas as condicções para se manter a melhor escola superior do mundo inteiro. Assim pensa Rooswelt, assim pensa toda a gente que estuda e sabe, excepto os nossos queridos compatriotas que de ha muito soffrem d'uma insupportavel *germanite* que de todo lhes perturba a razão.

Procurando as estatisticas da Sorbonne vemos que o numero de estudantes estrangeiros, ha vinte annos, era de 457; ha dez annos, de 1.174; e nos ultimos cinco annos de 1.633 em 1905, e de 3.326 em 1909. Note-se pois que nos ultimos cinco annos duplicou o numero de estudantes estrangeiros, vindo a maior parte da Russia, da Romania e da Allemanha. Que ponham aqui os seus olhos os nossos mestres de Coimbra.